

Patrícia Falco Genovez

HISTÓRIA E CULTURA DO ALTINÓPOLIS

Ilustrações

Amanda Franskoviak Andrade





Posto Ipiranga -
sio Água Mineral

Cooperativa
Santa Vale do ...

R. da Gruta

R. Alto da Boa Vista

R. do Recreio

R. do Figurístico

R. do Planalto

Adriano Vidros GV

Av. da Verente

Av. Glândir Pacheco Guimarães

R. Conceição

R. Onze

R. Doze

R. Geraldo

R. da Divisa

R. Miguel Couto

R. Manoel de Abreu

Av. Eng. Álvaro Siqueira

R. das Acácias

R. dos Ipês

R. dos Flamboyant

ALTINÓPOLIS

R. da Varzea

Brechô da Vovó

R. Lindolfo Color

R. Henrique Lage

R. da Energia

Av. do Canal

Av. Grã Duquesa

Coelho Diniz -
Altinópolis

Av. Ferrovia

Av. do Canal

Av. do Canal

R. 7 de Setembro

R. Vale

Av. Vale

Av. Santos

PATRÍCIA FALCO GENOVEZ

HISTÓRIA E CULTURA DO ALTINÓPOLIS

Ilustrações
Amanda Franskoviak Andrade

GOVERNADOR VALADARES/2025

Capa: Amanda Franskoviak Andrade

Projeto gráfico: Patrícia Falco Genovez, Amanda Bernardes Ferreira de Freitas e Vivian Cristina Lopes Rocha.

Edição e editoração: Patrícia Falco Genovez, Amanda Bernardes Ferreira de Freitas e Vivian Cristina Lopes Rocha.

Ilustração: Amanda Franskoviak Andrade

Revisão: Joana Paula Ataíde

Pesquisa: Patrícia Falco Genovez/Silair Garcia/Carmem Lúcia Lima de Campos/ Karla Rocha Magalhães/Amanda Bernardes Ferreira de Freitas/Amanda Franskoviak Andrade/ Ana Clara Rodrigues dos Reis Silva/Ana Flávia Páscoa Lima/Ashley Hanna dos Santos Bonfim/Brenda Batista Guedes/Dávila Vitória Dias Nunes/Enya Camargos Fonceca Lagares/Gabriela Vitoria Barboza Gonçalves/Laura Menezes Lopes/Ludimila Cândido dos Reis/ Ludmylla Silva Guerra Monteiro de Castro/Nathália Christina Simão Brun/Vivian Cristina Lopes Rocha.

Elaboração do material didático: Patrícia Falco Genovez

Projeto de Pesquisa:

O patrimônio material e imaterial e seu diálogo com a paisagem cultural na microrregião de Governador Valadares: pertencimento, cultura e ambiente após o rompimento da Barragem de Fundão (Samarco/BHP Billiton/Vale). (Coordenadora Patrícia Falco Genovez)

Projeto de Extensão:

Extensão Integradora (Coordenação geral: Débora Tameirão Lisboa/Coordenação e orientação da pesquisa no bairro Altinópolis Patrícia Falco Genovez/Orientação ilustração: João Marcos Parreira Mendonça)

FICHA CATALOGRÁFICA

FINANCIAMENTO:



PARCERIA:



**PREFEITURA DE
GOVERNADOR
VALADARES**

ÍNDICE DE FIGURAS

- Figura 1: Vista do bairro Altinópolis (1990).....16
Figura 2: Vista do bairro no início dos anos 2000.....20
Figura 3: Vista do bairro Altinópolis em 2025.....21
Figura 4: Processo de calçamento da Avenida Barbosa Rodrigues (2006).....29
Figura 5: Igreja de Sant'Ana (Finalizada no final da década de 1970).....30
Figura 6: Viaduto do bairro Altinópolis.....32
Figura 7: Inauguração do Viaduto.....32
Figura 8: Igreja de Sant'Ana (construção original e reforma).....38
Figura 9: Igreja de Sant'Ana (atual).....39
Figura 10: Altar da Igreja de Sant'Ana.....39
Figura 11: Procissão com a imagem de Sant'Ana pelas ruas do bairro Altinópolis....40
Figura 12: Festejos da padroeira.....41
Figura 13: Paroquiano trabalhando nas barraquinhas da Festa de Sant'Ana.....41
Figura 14: Fachada da E.E. Dona Adelaide Malzone Hugo.....44
Figura 15: Documento da Delegacia Regional de Ensino.....44
Figura 16: Fachada da Igreja Presbiteriana do Altinópolis.....46
Figura 17: Pátio interno da Igreja Presbiteriana do Altinópolis.....46
Figura 18: Fachada da Igreja Evangélica Assembleia de Deus.....48
Figura 19: Interior da Igreja Evangélica Assembleia de Deus.....48
Figura 20: Fachada do Centro Municipal de Educação Infantil Padre Leonardo Senne (CMEI/Creche Padre Leonardo Senne).....51
Figura 21: Pátio interno do CMEI/Creche Padre Leonardo Senne.....51
Figura 22: Pátio interno do CMEI/Creche Padre Leonardo Senne.....52
Figura 23: Fachada da Igreja Santa Clara.....54
Figura 24: Interior da Igreja Santa Clara.....55
Figura 25: Procissão de Santa Clara (2018).....57
Figura 26: Celebração na Festa de Santa Clara (2018).....57
Figura 27: Festa de Santa Clara (2018).....58
Figura 28: Vista lateral da Praça Elton Moreno.....59
Figura 29: Vista panorâmica da Praça Elton Moreno.....60
Figura 30: Vista de cima da Praça Elton Moreno.....61
Figura 31: Entrada do Cemitério da Paz.....62



SUMÁRIO

Apresentação.....8

Breve apresentação dos personagens que ilustrarão o livro e conduzirão o percurso da história do bairro

Capítulo 1 - Onde Tudo Começou: A História do Bairro.....12

Capítulo 2 - Crescendo com a Comunidade.....28

Capítulo 3 - Nossos Pontos de Encontro e Referências Culturais.....37

Capítulo 4 - Arte em Cada Esquina.....69

Capítulo 5 - A Voz do Povo.....76

Capítulo 6 - Nosso Bairro, Nosso Futuro.....82

FONTES.....82



APRESENTAÇÃO

Carta aos leitores mirins e à comunidade escolar



Olá, crianças, educadores, famílias e moradores do bairro Altinópolis!

Este livro que você tem em mãos foi feito com muito carinho para contar uma história muito especial: a história do nosso bairro Altinópolis. Um bairro cheio de gente trabalhadora, criativa, que ajuda a construir todos os dias uma comunidade viva, cheia de cultura, sonhos e memórias.

Este livro foi pensado especialmente para vocês (estudantes, educadores e moradores) que vivem e transformam este lugar todos os dias. Ele é um presente feito com escuta, afeto, pesquisa e cuidado, para que todas as pessoas possam conhecer melhor o lugar onde vivem, estudar sua história e se sentir ainda mais parte dele.

Por que é importante conhecer o lugar onde vivemos?

Saber a história do bairro onde moramos é como descobrir os segredos do nosso próprio quintal. Cada rua tem um nome por um motivo. Cada praça tem uma história. Cada morador tem algo a contar.

Quando conhecemos melhor o nosso bairro, aprendemos a cuidar dele com mais amor, respeitar quem vive aqui e imaginar um futuro mais bonito para todos. Por isso, este livro foi criado: para despertar em cada criança, jovem e adulto o orgulho de viver em Altinópolis.

Mas afinal, para que serve esse livro?

Ele tem quatro grandes objetivos:

- Ensinar sobre a história, a cultura e as mudanças que aconteceram aqui no nosso bairro;
- Fortalecer o sentimento de pertencimento, mostrando como cada morador faz parte dessa história viva;



- Estimular a leitura e o pensamento crítico através de atividades educativas divertidas e envolventes;
- Ajudar os o(a) educador(a)es e alunos das escolas do bairro, oferecendo um material rico sobre o lugar onde vivemos.

De onde veio a ideia de elaborar esse livro?

A ideia de elaboração deste livro é fruto de uma atividade de extensão do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIVALE, feita com muito cuidado e escuta da comunidade. Ele foi construído em parceria com o Observatório Interdisciplinar do Território (OBIT/UNIVALE), que é um espaço de pesquisa ligado ao Mestrado em Gestão Integrada do Território.

Além disso, o livro tem como base um trabalho de pesquisa histórica cuidadoso feito por quatro estudantes do curso de História da Univale: Amanda Batista, Silair Garcia, Carmem Lúcia Lima de Campos e Karla Rocha Magalhães, realizado em 2008. Algumas informações pesquisadas no início dos anos 2000 foram atualizadas pelos estudantes de Arquitetura e Urbanismo da Univale: Amanda Bernardes Ferreira de Freitas, Amanda Franskoviak Andrade, Ana Clara Rodrigues dos Reis Silva, Ana Flávia Páscoa Lima, Ashley Hanna dos Santos Bonfim, Brenda Batista Guedes, Dávila Vitória Dias Nunes, Enya Camargos Fonseca Lagares, Gabriela Vitoria Barboza Gonçalves, Laura Menezes Lopes, Ludimila Cândido dos Reis, Ludmylla Silva Guerra Monteiro de Castro, Nathália Christina Simão Brun, Thalles Silva Tacchi Gonçalves, Vivian Cristina Lopes Rocha. Em conjunto, esses estudantes ouviram moradores, visitaram locais importantes e reuniram fotos e documentos que mostram o quanto o bairro Altinópolis cresceu, mudou e continua sendo um espaço cheio de vida e identidade.

O papel da UNIVALE neste projeto

A Univale é uma universidade comunitária. Isso quer dizer que ela existe para servir à comunidade, ouvindo as pessoas, aprendendo com elas e ajudando a transformar realidades por meio do ensino, da pesquisa e da extensão.

Este livro é um exemplo bonito de como a universidade pode dialogar com o território, valorizar as histórias locais e ajudar a formar profissionais comprometidos com a sociedade. Ele é também um reflexo da importância da extensão universitária na formação dos futuros arquitetos, que puderam aprender sobre o território escutando a própria comunidade.

Deixamos aqui o nosso convite

Queremos que este livro seja lido com o coração aberto. Que ele chegue às salas de aula, às rodas de conversa, aos quintais e praças. Que desperte lembranças, sorrisos e orgulho de cada morador do Altinópolis.

Mais do que contar o que já passou, este livro também é um convite: Vamos continuar construindo juntos o futuro do bairro Altinópolis! Se você tiver alguma informação sobre o bairro ou considera que é necessário fazer alguma correção no texto disponibilizado, entre em contato conosco no e-mail arquitetura@univale.br.

Para conhecer mais sobre iniciativas que valorizam o território e a experiência local, convidamos você a explorar o Observatório Interdisciplinar do Território (OBIT) e o Mestrado Interdisciplinar em Gestão Integrada do Território (GIT/Univale), acessíveis em <https://univale.br/mestrado/observatorio-obit/>, e descobrir como escola, comunidade e universidade podem se unir em torno do cuidado e da valorização do lugar.

Boa leitura!
Com carinho,

Equipe UNIVALE, estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo,
pesquisadores do OBIT e egressos do curso de História.

Patrícia Falco Genovez

Apresentação dos personagens que
ilustrarão o livro e conduzirão o percurso da
história do bairro





Posto Ipiranga -
sio Água Mineral

Cooperativa
Santa Vale do ...

R. da Gruta

R. Alto da Boa Vista

R. do Recreio

R. do Figurístico

R. do Planalto

Adriano Vidros GV

Av. da Verente

Av. Glândir Pacheco Guimarães

R. Conceição

R. Onze

R. Doze

R. Geraldo

R. da Divisa

R. Miguel Couto

R. Manoel de Abreu

Av. Eng. Álvaro Siqueira

R. das Acácias

R. dos Ipês

R. dos Flamboyant

ALTINÓPOLIS

R. Vital Brasil

R. Henrique Lage

Av. do Canal

Av. Grã Duquesa

R. do Seminário

R. das Flamboyant

R. da Varzea

Brechô da Vovó

R. Lindolfo Color

R. da Energia

Av. do Canal

Coelho Diniz -
Altinópolis

Av. Ferrovia

Av. do Canal

R. 7 de Setembro

R. Vale

Av. Santos

Av. Vale

CAPÍTULO 1 – ONDE TUDO COMEÇOU: A HISTÓRIA DO BAIRRO

Você já parou para pensar como o bairro Altinópolis nasceu? Quem foi que pensou em construir ruas, praças, casas e escolas bem aqui onde a gente mora? Será que sempre foi assim, com asfalto, lojas e viaduto? Pois é! A história do nosso bairro é cheia de descobertas, mudanças e pessoas que acreditaram que aqui poderia nascer um bom lugar para viver.

Neste primeiro capítulo, nós vamos voltar no tempo. Vamos imaginar o Altinópolis lá no começo, quando ele ainda era uma área de fazenda, com poucas casas e muitas ideias no papel. Vamos conhecer quem foram os primeiros moradores, como tudo foi se organizando e quem foi o homem que deu nome ao nosso bairro.

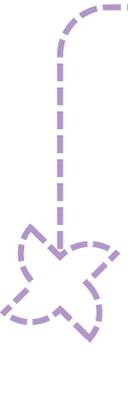
Você vai descobrir que o bairro tem nome de gente, e que essa pessoa teve um papel importante, em conjunto com os primeiros moradores, para que esse lugar crescesse e se tornasse um bairro conhecido e querido em Governador Valadares.

Também vamos conversar sobre como as ruas e avenidas ganharam nomes, como o bairro foi dividido em partes, e como tudo isso foi planejado para que as famílias pudessem morar com conforto, perto do centro da cidade, mas com jeitinho de bairro tranquilo.

E se prepare: tem atividades legais, histórias reais e curiosidades que talvez nem seus pais ou avós saibam!

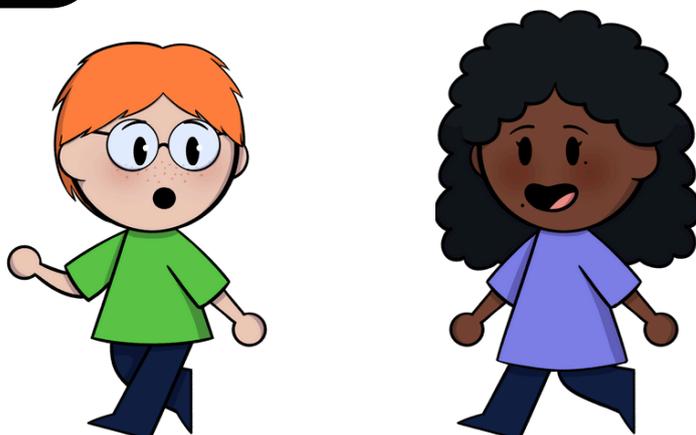
Vamos nessa?

Porque para crescer com raízes fortes, a gente precisa saber de onde veio!



Como Altinópolis ganhou esse nome?

Você sabia que o nome do nosso bairro vem de uma pessoa? Pois é! Altinópolis é uma homenagem a um homem chamado Altino Alves Machado d'Oliveira, conhecido na cidade como Coronel Altino. Ele foi um dos idealizadores desse lugar e teve um papel relevante no desenvolvimento da cidade de Governador Valadares.



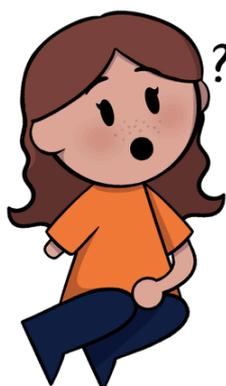
O "Coronel Altino", como podemos chamá-lo por aqui, era um homem muito ativo, envolvido com empresas e projetos importantes. Ele ajudou a desenvolver frigoríficos, siderúrgicas, companhias de energia e outras empresas que movimentaram a economia da cidade. Ele acreditava que a cidade precisava crescer com planejamento e que o bairro Altinópolis podia ser um espaço bom para viver e trabalhar.

Por isso, quando chegou a hora de dar nome ao novo bairro que estava sendo criado, escolheram homenageá-lo. Assim nasceu o nome Altinópolis, que significa, mais ou menos, "a cidadezinha do Altino".

E você sabia? O bairro Altinópolis nasceu oficialmente na década de 1960, mas se desenvolveu territorialmente por volta dos anos de 1970 e 1980. Foi nessa época que a Prefeitura de Governador Valadares, junto com topógrafos e empresas, organizou os primeiros lotes, avenidas e praças. Assim começou a história desse bairro que a gente conhece e vive hoje!



E antes do bairro, o que existia aqui?





Antes de existir rua, casa ou escola, essa região era parte de uma fazenda chamada Emialta. Isso mesmo! Aqui era um lugar de pasto, plantações e muita terra, como um grande espaço aberto. O terreno também fazia fronteira com áreas da S.A.R. La Gran Douchesse de Luxembourg, uma empresa que detinha as terras que, posteriormente, tornou-se o que hoje é o bairro Grã-Duquesa.

Com o tempo, fazendeiros e empresas se uniram para vender e organizar os terrenos, pensando em criar um novo bairro, mais acessível e perto do centro de Valadares. Eles queriam construir um bairro planejado, com espaço para casas, empresas e até parques industriais. Nascia, assim, o Altinópolis.

Quando voltamos no tempo e olhamos as fotos do Altinópolis nas décadas de 1970 e 1980, é como abrir um álbum de família do bairro. Cada imagem conta uma história seja de luta, de trabalho coletivo, de sonhos que se transformaram em ruas, escolas e praças.

Lá na década de 70, a área onde hoje fica a Escola Estadual Adelaide Malzone Hugo era apenas um terreno aberto, coberto por mato e terra batida. As primeiras construções começaram aos poucos, com o esforço de muitos moradores. As fotos mostram claramente a transformação: do chão vazio ao prédio que, anos depois, se tornaria parte fundamental da vida de centenas de crianças.

Ao lado da escola, outra obra ganhava forma: a Igreja de Sant'Ana. A construção foi feita no verdadeiro espírito comunitário. As imagens revelam cenas que emocionam: homens, mulheres e até crianças ajudando no mutirão, carregando telhas, passando baldes de massa e subindo no telhado para garantir que cada parte ficasse pronta. Era mais do que erguer paredes, era levantar um símbolo de fé e união para todos.

Há também registros das ruas do bairro naquele tempo. A Rua Barbosa Rodrigues, por exemplo, aparece numa fotografia cheia de crianças brincando, com casas simples e o chão ainda de terra. Ao lado, outra foto mostra o mesmo lugar décadas depois, já com calçamento, casas maiores e ares de cidade mais estruturada. É como se o bairro tivesse crescido diante dos nossos olhos, sem perder a essência de comunidade.

Essas imagens são preciosas porque mostram que o Altinópolis não nasceu pronto: ele foi construído aos poucos, no compasso do trabalho e da dedicação dos seus moradores. Cada rua aberta, cada tijolo assentado e cada telha colocada carregam histórias de pessoas que acreditaram num futuro melhor e ajudaram a torná-lo realidade.

As lembranças dos primeiros moradores (indicados apenas pelas letras iniciais de seus nomes) ajudam a entender melhor como era viver no Altinópolis nas décadas iniciais. A senhora HLA, que chegou ao bairro em 1974, recorda que, no início, tudo era mato e era preciso abrir caminhos para chegar às casas.



“Não tinha água encanada, cada vizinho que podia furava cisterna. Quem não tinha, pegava água na mina, que ficava num buracão. Quando a água do SAAE chegou, ainda era de 15 em 15 dias e corria o risco de não subir nas caixas”, contou. O privilégio era morar mais embaixo, onde as cisternas ficavam. As ruas eram de terra e, nos dias de chuva, viravam verdadeiros rios de lama. “A gente amarrava sacolas no pé para atravessar e só colocava o sapato quando chegava na parte calçada”, lembra.

As ruas eram de terra e, nos dias de chuva, viravam verdadeiros rios de lama. “A gente amarrava sacolas no pé para atravessar e só colocava o sapato quando chegava na parte calçada”, lembra. Havia lugares onde se passava por uma simples tábua sobre o córrego, um de cada vez, e qualquer enchente deixava famílias ilhadas. Ainda assim, os vizinhos se ajudavam: carregavam material de construção nas costas, faziam mutirões para levantar casas e até ajudavam em partos e cuidados de saúde, já que não havia posto médico.

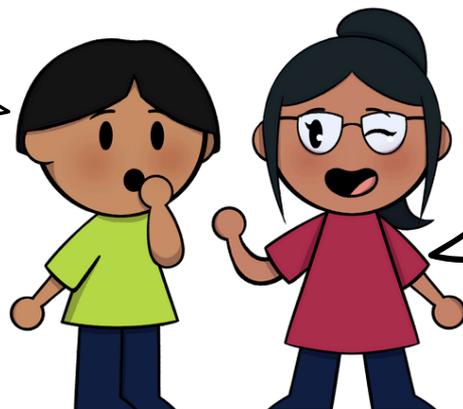
No comércio, os primeiros pontos eram pequenos armazéns e mercearias, como o do senhor “Físico” e o do senhor Paulo, onde se comprava de tudo um pouco, de arroz e feijão a remédios simples. Com o tempo, padarias, açougues e mercados surgiram, mas nos primeiros anos a vida dependia muito da solidariedade entre vizinhos.

Entre as lideranças lembradas com carinho, destaca-se o padre Leonardo Senne, que chegou no final da década de 1960 e se tornou um símbolo de luta e união. Ele organizou mutirões, construiu a “Casa da Amizade” para famílias carentes, ajudou na criação da Escola Estadual Dona Adelaide Malzone Hugo e incentivou a construção da Igreja de Sant’Ana. Ia pessoalmente buscar verduras e frutas para reforçar a merenda escolar e usava doações da própria família para apoiar obras comunitárias. Para muitos, foi um dos responsáveis por transformar o bairro “de um grande terreno abandonado” em uma comunidade estruturada e solidária.

Mesmo com tantas dificuldades, os moradores se orgulham das conquistas. Como disse o senhor JPS, comerciante que cresceu junto com o bairro: “Eu amo o Altinópolis. É simples, mas é a minha vida inteira. Cresci aqui e não tenho vontade de sair”. Essa força coletiva, marcada por fé, trabalho e amizade, foi o que permitiu ao bairro superar os tempos mais difíceis e se preparar para o crescimento que viria.



Como o bairro foi organizado?



Planejar um bairro é como montar um quebra-cabeça: cada parte precisa estar no lugar certo para tudo funcionar bem.

Quando o Altinópolis começou a ser dividido, engenheiros, topógrafos e a Prefeitura de Governador Valadares trabalharam juntos para fazer a marcação dos lotes, ruas e praças. A ideia era que o bairro tivesse um pouco de tudo: espaços para morar, para trabalhar e também para descansar e se divertir. Veja, a seguir, uma fotografia do bairro Altinópolis, no início da sua ocupação (Figura 1):

Figura 1: Vista do bairro Altinópolis (1990)



Fonte: Acervo OBIT.

A Figura 1 nos leva a um passeio no tempo: é a vista do Altinópolis nas primeiras décadas de sua ocupação, quando o bairro ainda guardava um ar de cidade pequena, com grandes espaços abertos e poucas ruas pavimentadas. As casas, muitas vezes simples e espaçadas, surgem como pequenas ilhas entre áreas de terra batida e lotes vazios.

Ao olhar com atenção, percebemos como a paisagem é marcada pela mistura de construções e terrenos ainda por ocupar. É possível notar o traçado irregular de algumas ruas, acompanhando o relevo, e áreas mais densas que provavelmente concentravam as primeiras famílias e o comércio nascente.

O registro guarda uma atmosfera tranquila, quase rural, lembrando que, há poucas décadas, o bairro ainda estava em fase de consolidação. A dona de casa MLT (2009) relembrou de sua chegada ao Altinópolis:

“Quando chegamos aqui não tinha quase nada, era só mato e algumas casas de madeira. Todo mundo ajudava a levantar as paredes uns dos outros.” A senhora HLA (2009), complementa: “No começo não tinha água encanada, a gente buscava no balde no córrego. Depois veio a luz, mas demorou.”

Outros entrevistados também lembraram este momento inicial do bairro, quando havia falta de infraestrutura e sobrava espírito comunitário. O senhor JPF (2009) lembra saudoso: “Quando cheguei aqui, era tudo mato e umas poucas casas de tábuas. O povo se juntava para levantar as paredes um do outro.”

Para quem viveu essa época, como a senhora MLT (2009), a imagem desperta memórias de ruas mais silenciosas, de crianças brincando sem trânsito intenso e de vizinhos que se conheciam pelo nome. Para quem chega agora, é um convite a perceber que o Altinópolis de hoje se construiu a partir dessas bases simples, onde havia mais campo do que concreto, mas já existia um forte sentido de comunidade.

Vamos conhecer melhor como a organização do bairro foi feita:



Quantos lotes foram planejados?



Como foram feitas as ruas e avenidas?



Foram planejados:

- 1.287 lotes residenciais (onde moram as famílias);
- 49 lotes industriais (espaços pensados para empresas e oficinas).

As ruas e avenidas foram desenhadas levando em conta a geografia do terreno. Como o bairro tinha vales, morros e bacias d'água, as ruas foram feitas respeitando essas curvas da natureza. Por isso, se você já se perguntou por que algumas ruas são tortas ou inclinadas, está aí a resposta!

O bairro foi organizado com:

- **9 avenidas:** Avenida do Canal, com a largura de 39m; Avenida da Vertente, com a largura de 30, 20 e 15m; Avenida Carlos Gomes, com a largura de 20m; Avenida Barbosa Rodrigues, com a largura de 20m; Avenida Álvaro da Silveira, com a largura de 20m; Avenida Beira Lago, com a largura de 20m; Avenida da Vazante, com a largura de 20m; Avenida da Ferrovia, com a largura de 15m e Avenida Recreio, com a largura de 12m;
- **35 ruas:** Rua da Gruta, com a largura de 10m; Rua Emílio Goeld, com a largura de 15m; Rua da Barragem, com a largura de 12m; Rua do Frigorífico, com a largura de 12m; Rua Mário Rocha, com a largura de 15m; Rua Alto da Boa Vista, com a largura de 12m; Rua do Contorno, com a largura de 12m; Rua Marechal Rondon, com a largura de 12m; Rua do Planalto, com a largura de 12m; Rua do Visconde de Mauá, com a largura de 12m; Rua Candido Portinari, com a largura de 12m; Rua Pedro Américo, com a largura de 12m; Rua Victor Meirelles, com a largura de 12m; Rua do Espigão, com a largura de 12m; Rua Miguel Couto, com a largura de 12m; Rua Manoel de Abreu, com a largura de 12m; Rua Carlos Chagas, com a largura de 12m; Rua da Divisa, com a largura de 12m; Rua Silvio Romero,



com a largura de 12m; Rua Roquete Pinto, com a largura de 12m; Rua Capistrano de Abreu, com a largura de 10 e 12m; Rua Nina Rodrigues, com a largura de 12m; Rua Manoel de Abreu, com a largura de 12m; Rua José Veríssimo, com a largura de 12m; Rua José Lins do Rêgo, com a largura de 15m; Rua Heitor Vila Lobos, com a largura de 12m; Rua Noel Rosa, com a largura de 12m; Rua Henrique Bernadelli, com a largura de 12m; Rua da Encosta, com a largura de 12m; Rua Vital Brasil, com a largura de 12m; Rua Lindolfo Collor, com a largura de 12m; Rua Henrique Lage, com a largura de 15m; Rua Paulo Frontin, com a largura de 12m; Rua da Energia, com a largura de 15m e Rua Luiz Ensich, com a largura de 12m;

- **6 praças**, com nomes inspirados na natureza: Praça das Náiades (Náiades, na mitologia grega, são as ninfas de água doce, de rios, lagos, fontes e riachos), com a área de 10.4742 m²; Praça das Dríades (Dríades, na mitologia grega, são as ninfas que personificam árvores, especialmente os carvalhos), com a área de 3.250m²; Praça das Creades (Creades, na mitologia grega, são as ninfas que personificam árvores e florestas) com a área de 5.010m²; Praça das Napéias (Napéias, na mitologia grega, são as ninfas associadas a vales, colinas e depressões no relevo), com a área de 1.960 m²; Praça Alto da Boa Vista, com a área de 4.650 m²; Praça Nossa Senhora de Lourdes, com a área de 7.408m². Hoje, permanecem as Praças das Napéias e do Alto da Boa Vista, além da Praça Frei Veloso e Elton Moreno.

Muitos nomes escolhidos para ruas e praças homenageiam artistas, cientistas e exploradores brasileiros, além de elementos da natureza ou pessoas importantes para a comunidade. Um jeito bonito de unir cultura, conhecimento e identidade local.



E os espaços verdes?

No começo, havia muita preocupação com a preservação do ambiente.



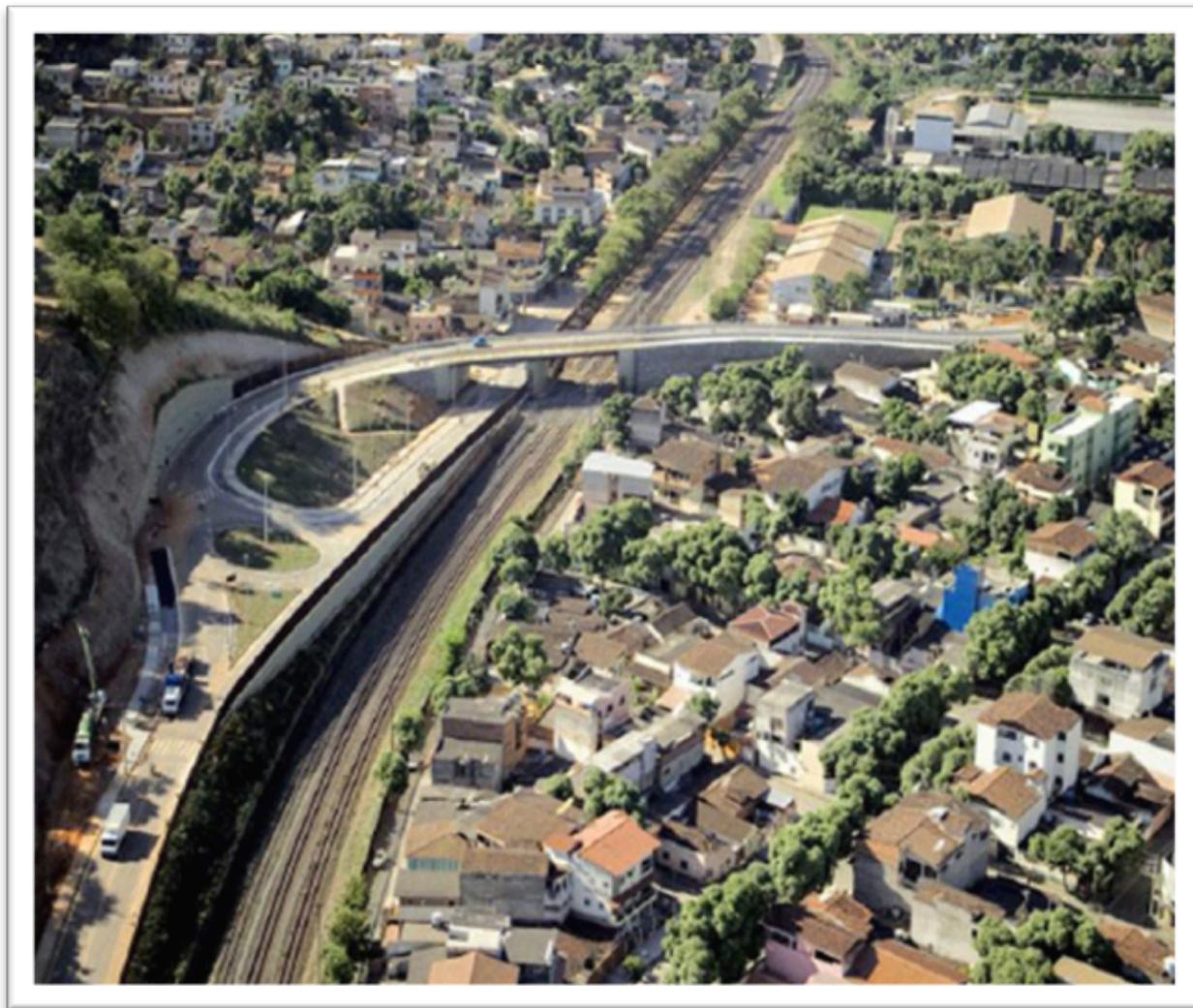
Como aqui era uma antiga fazenda com bastante vegetação, a ideia era manter algumas áreas verdes para a população aproveitar com lazer e bem-estar.

Mas, com o passar do tempo, o aumento de moradores e algumas mudanças feitas para ampliar o número de lotes acabaram diminuindo esses espaços, o que trouxe alguns desafios para o lazer no bairro. Mesmo assim, ainda há praças e locais que podem (e devem!) ser cuidados com carinho por quem vive aqui.



Com o passar do tempo, a prefeitura percebeu que algumas ruas precisavam ser alargadas e reorganizadas para melhorar a circulação de carros, pedestres e ônibus, como podemos verificar na Figura 2.

Figura 2: Vista do bairro no início dos anos 2000



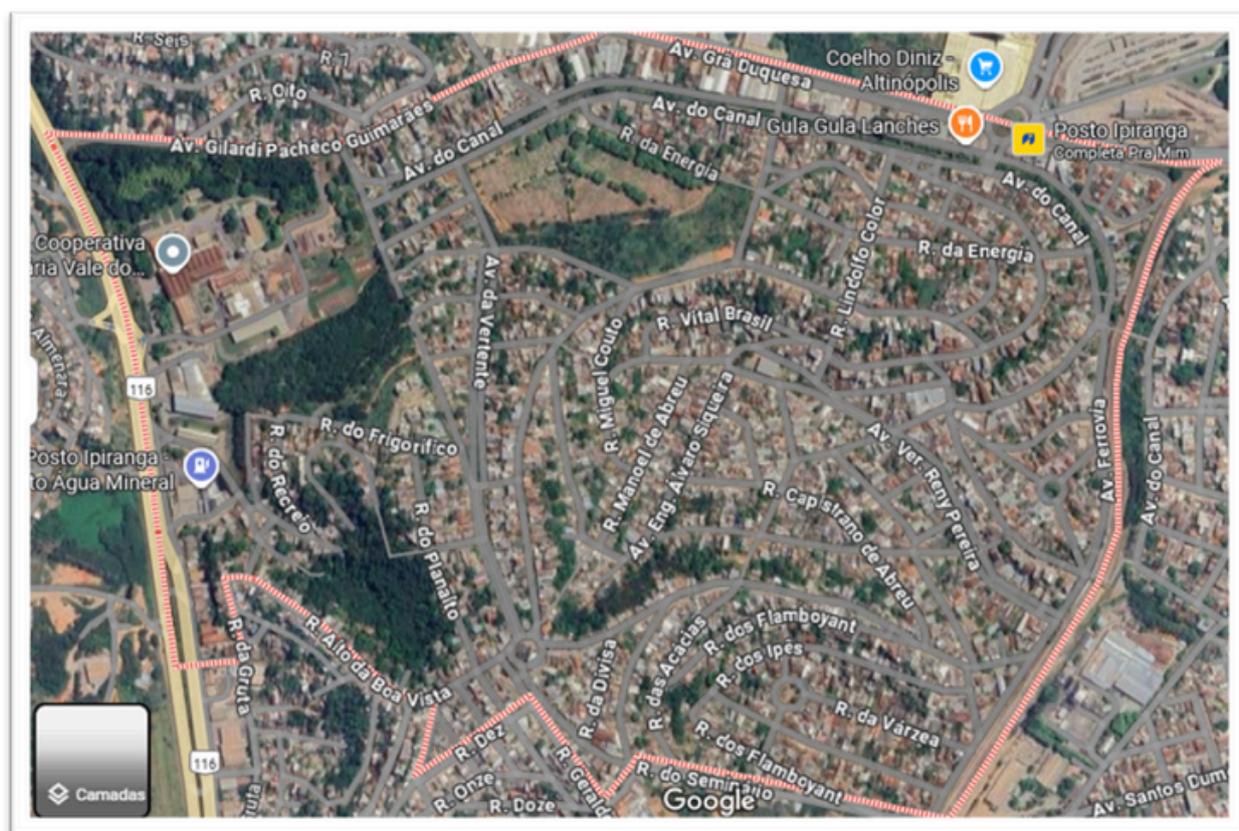
Fonte: Acervo OBIT.

Ao colocar lado a lado a vista do bairro no início da ocupação (p. 17) e no início dos anos 2000, percebemos que a paisagem mudou muito e rápido.

Na primeira imagem, anterior aos anos 1990, o Altinópolis aparece como um bairro em formação: há muitos terrenos vazios, ruas de terra e construções espaçadas. A sensação é de um lugar que ainda carrega características rurais, onde o silêncio e os espaços abertos predominam. O traçado das vias segue, em parte, o relevo natural, e a presença de áreas descampadas indica que boa parte dos lotes ainda aguardava ocupação.

Já na Figura 2 do início dos anos 2000, registrada cerca de algumas décadas depois, o cenário é outro e acabou se tornando mais intenso nos dias atuais (Figura 3). As áreas antes vazias estão ocupadas por novas casas e estabelecimentos; o adensamento das construções é visível, especialmente nas ruas mais centrais. Muitas vias aparecem já pavimentadas, o que facilitou o acesso e integrou melhor as diferentes partes do bairro. Os limites do Altinópolis, antes difusos, tornam-se mais definidos, marcados por fileiras de casas e pela aproximação com outros bairros. Sobre estas mudanças no bairro, a senhora MCS (2009), comentou: “Depois que asfaltaram a rua, vieram mais famílias. Mas também começou o barulho e as brigas, o bairro ficou diferente.”

Figura 3: Vista do bairro Altinópolis em 2025

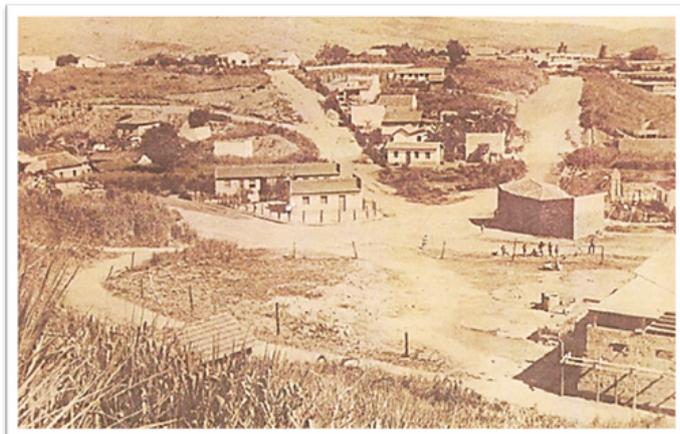


Fonte: Google Maps, 2025.



É interessante observar também como os espaços verdes foram diminuindo: áreas que antes eram campo aberto se transformaram em quadras residenciais. Essa mudança reflete o crescimento da população e a valorização do espaço urbano, mas também traz um alerta sobre a importância de preservar áreas de lazer e contato com a natureza.

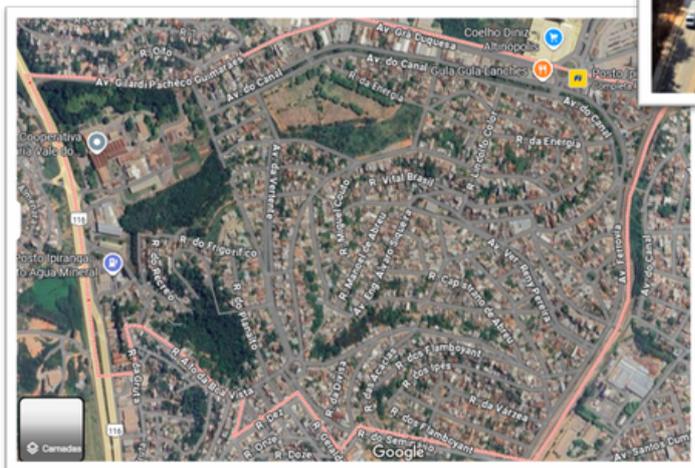
Assim, as imagens a seguir contam a mesma história em capítulos diferentes: a de um bairro que nasceu pequeno, com muito chão de terra e horizontes largos, e que em pouco mais de uma década se transformou em um espaço mais denso, estruturado e conectado à cidade, sem perder o espírito comunitário que o originou.



Vista do bairro Altinópolis na década de 1990



Vista do bairro Altinópolis na década de 2000



Vista do bairro Altinópolis na década de 2020



Por causa dessas mudanças, algumas casas acabaram ficando no meio do novo traçado das avenidas ou muito próximas das vias. Isso afetou diretamente algumas famílias que já moravam ali. Para garantir que ninguém ficasse sem um lugar para viver, a prefeitura, junto com a empresa responsável pelo loteamento, ofereceu soluções: algumas famílias receberam indenizações em dinheiro e outras foram realocadas para novos terrenos, onde puderam construir suas casas novamente.



Essas transformações ajudaram a tornar o bairro mais bem planejado, seguro e acessível, mesmo que, naquele momento, tenham trazido desafios para quem precisou mudar de lugar.



E assim, o que antes era uma área de fazenda, virou um bairro cheio de vida, com escolas, igrejas, comércios e histórias para contar, como as que você vai conhecer ao longo deste livro.



Como está o bairro nos dias atuais? Será que alguém ainda se lembra do início da formação do nosso bairro?

Como já deu para perceber, o bairro Altinópolis já não é mais aquele pedaço de fazenda cheio coberto de capim e árvores que os moradores antigos conheceram. Hoje ele tem ruas bem definidas, avenidas largas e praças que foram se tornando pontos de encontro.



Embora o nome do bairro tenha nascido de uma homenagem ao Coronel Altino, essa origem já não é tão lembrada pela maioria das pessoas e só alguns mais velhos ainda contam essa história. Para que esta história da origem do bairro não seja esquecida, convidamos os moradores mais antigos que nos falem sobre esse momento da origem deste lugar que tanto amamos.

Que tal juntarmos essas lembranças em um grande mural de histórias, feito por todos nós? Ou então numa roda de memória, em que os mais antigos possam contar e os mais jovens ouvir? Assim, cada lembrança vira uma semente para que a história do Altinópolis continue viva, passada de geração em geração. Escreva abaixo alguns nomes que não podem faltar neste mural e nem nesta roda! Eles serão nossos convidados queridos. Vamos deixar abaixo o nosso convite especial:

CONVITE ESPECIAL

“Vamos contar e ouvir as histórias do início do bairro Altinópolis?”

O bairro Altinópolis é feito de lembranças e de pessoas que ajudaram a construir cada pedaço dele.

Para que a história do início da nossa comunidade não se perca, convidamos todos os moradores e, em especialmente os mais antigos, a participarem de um encontro especial. Será um momento de conversa, partilha e memória, onde cada voz é importante.

Como está a paisagem do bairro nos dias atuais?



Bom, a paisagem também mudou bastante. No lugar da mata fechada e dos córregos, restam apenas algumas áreas verdes: árvores espalhadas pelas casas, quintais com sombras antigas e praças que guardam um pouco da memória de quando a natureza era mais presente. Mesmo assim, o verde diminuiu, e muitos moradores sentem falta da natureza tão presente do início.

O que vocês acham de fazermos uma caminhada pelo bairro, acompanhados de alguns moradores, registrando as áreas verdes atuais e comparando com a paisagem existente quando os primeiros moradores se estabeleceram no bairro? Depois deste passeio, poderemos montar um "Mural da Memória Verde", conectando o passado e o presente e mostrando a importância de cuidados do nosso ambiente.



E o traçado do bairro, será que foi modificado?



As ruas continuam seguindo o mesmo traçado pensado décadas atrás, com avenidas principais, travessas e quarteirões. Algumas ganharam novos nomes em homenagem a pessoas queridas da comunidade, mostrando que a memória dos moradores também fica gravada nas placas das esquinas.



Vamos conhecer quais pessoas queridas foram homenageadas e se tornaram nomes de ruas e praças no nosso bairro?

Que tal fazermos uma listinha a seguir, para todos conhecerem esses homenageados que ficarão na memória de todos os moradores?

Nome antigo da rua:

Novo nome da rua em homenagem a:

Nome antigo da travessa:

Novo nome da travessa em homenagem a:

Nome antigo da avenida:

Novo nome da avenida em homenagem a:

Nome antigo da praça:

Novo nome da praça em homenagem a:

Nas últimas duas décadas, o Altinópolis cresceu de forma planejada, acompanhando as diretrizes da prefeitura. Novas praças foram criadas, espaços públicos ganharam cuidado e a vida urbana foi se consolidando. Hoje, quem caminha pelo bairro encontra um lugar que já não lembra tanto os tempos da fazenda, mas que guarda, em cada canto, a história de quem ajudou a construí-lo.



Posto Ipiranga -
sio Água Mineral

Cooperativa
Santa Vale do ...

Av. Glândir Pacheco Guimarães

R. da Gruta

R. do Recreio

R. do Figurístico

R. do Planalto

Adriano Vidros GV

Av. da Verente

R. Conceição

R. Alto da Boa Vista

R. Onze

R. Dez

R. Doze

R. Geraldo

R. da Divisa

R. Miguel Couto

R. Manoel de Abreu

Av. Eng. Alvaro Siqueira

R. das Acácias

ALTINÓPOLIS

R. dos Ipês

R. dos Flamboyant

R. da Varzea

Brechô da Vovô

Av. Ver. Remy Pereira

R. Lindolfo Color

R. da Energia

R. da Energia

Av. do Canal

Av. Grã Duquesa

R. Henrique Lage

Coelho Diniz -
Altinópolis

Av. do Canal

R. 7 de Setembro

R. Vale

Av. Ferrovia

Av. do Canal

Av. Santos

Av. Vale

CAPÍTULO 2 – CRESCENDO COM A COMUNIDADE

O Altinópolis, como todo bairro, não ficou pronto de um dia para o outro. Ele foi se fazendo aos poucos, com o tempo, com o esforço das pessoas e com as mudanças que chegaram. No início, as ruas eram de terra batida (Figura 1, indicada no capítulo anterior). Nos dias de sol, uma poeira fina subia e grudava na pele; nos dias de chuva, o chão virava lama e os sapatos ficavam pesados. As crianças, no entanto, não se importavam muito: transformavam as poças em rios de brinquedo, pulando e correndo com a alegria de quem inventa mundos.

As primeiras famílias que vieram para cá buscavam algo em comum: um pedaço de chão para chamar de seu, onde pudessem construir uma casa, criar os filhos e escrever novas histórias. As construções iniciais eram simples, feitas com tijolo, madeira e telha de barro. Algumas casas tinham quintais grandes, com galinhas, hortas e árvores frutíferas. Outras eram menores, mas sempre cheias de vida, com cheiro de café coado e som de conversa no portão (LML, 2025).

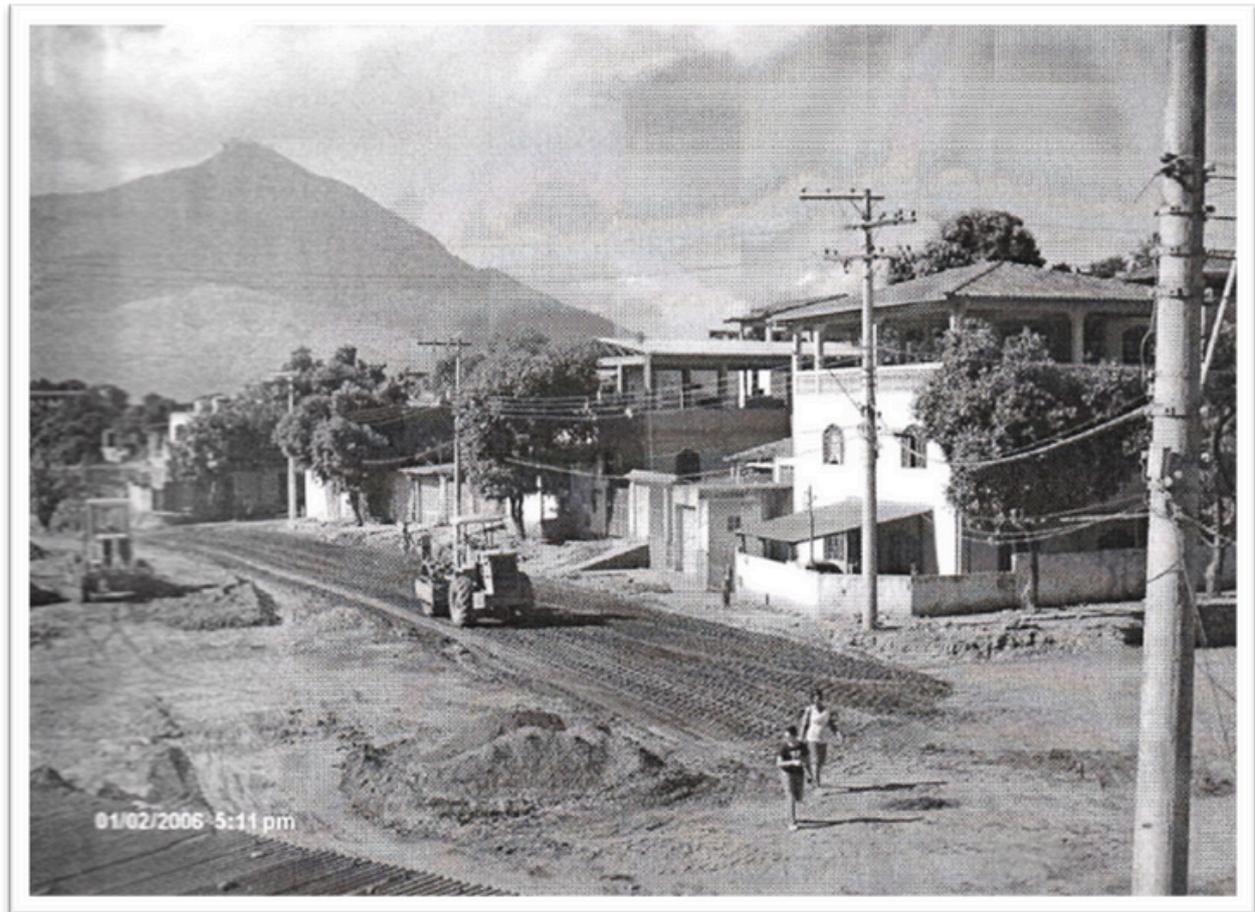
Era um tempo de ajuda mútua. Quando alguém começava a levantar as paredes, logo aparecia um vizinho com a colher de pedreiro na mão, pronto para ajudar. Quem não podia contribuir com material ajudava com trabalho ou até preparando um almoço para todos que estavam na obra. Assim, o bairro ia crescendo como uma grande família, em que o sucesso de um era motivo de alegria para todos.



Ao ouvir quem viveu aqueles primeiros anos, entendemos melhor por que o crescimento do Altinópolis foi, antes de tudo, uma história de vizinhança e resistência. Muitas famílias chegaram quando o lugar ainda era quase só mato e dificuldade. Como lembra a senhora HLA (2009), que se mudou para seu lote em 1974, “cada morador que podia furava cisterna; quem não tinha, pegava água na mina” e, quando a água do SAAE finalmente chegou, vinha apenas de 15 em 15 dias, obrigando todo mundo a correr para encher todos os reservatórios improvisados de água antes que sumisse.

As ruas de terra transformavam-se em obstáculos nos dias de chuva: poças e enxurradas que levavam chinelos e, às vezes, pessoas, mas havia travessias improvisadas, prancha sobre córrego e trajetos que só se faziam a pé quando a chuva deixava. A travessia entre bairros era tão difícil que, em algumas ocasiões, famílias ficavam praticamente ilhadas até a água baixar. Essas imagens ajudam a explicar por que o asfalto e o calçamento trouxeram não só conforto, mas também segurança e possibilidades de trabalho para muita gente (Figura 4).

Figura 4: Processo de calçamento da Avenida Barbosa Rodrigues (2006)



Fonte: Acervo OBIT.

Mesmo nas situações mais críticas, o gesto solidário era rotina. Os moradores carregavam material de construção nas costas, organizavam mutirões para erguer casas e praças, e cuidavam uns dos outros quando faltava atendimento médico: “a gente mesmo aplicava injeção”, recorda a senhora HLA (2009), uma das entrevistadas, ou quando uma parturiente precisava ser socorrida: vizinhas se juntavam para fazer o parto e reunir recursos para levar mãe e bebê ao hospital (HLA, 2009). Essa rede de ajuda mútua foi peça-chave para a sobrevivência e para a construção do bairro.

O comércio também cresceu junto com essas necessidades. Os primeiros pontos eram mercearias e armazéns modestos (o ponto do senhor “Físico”, o estabelecimento do senhor Paulo, pequenas padarias) onde se comprava o essencial e se trocavam notícias, espaços que funcionavam como postos informais de apoio e sociabilidade. Com o tempo, a presença de padarias maiores, mercados e oficinas foi se consolidando, mas a memória dos primeiros comércios permanece viva nas falas dos moradores.

Uma liderança que volta sempre nas lembranças é a do padre Leonardo Senne. Chegado ao bairro no fim dos anos 1960, ele articulou mutirões, ajudou a fundar a Escola (que viria a ser a Escola Dona Adelaide Malzone Hugo), criou a “Casa da Amizade” para abrigar famílias carentes e participou ativamente da construção da Igreja de Sant’Ana (Figura 5).

Figura 5: Igreja de Sant’Ana (Finalizada no final da década de 1970)



Fonte: Acervo OBIT.

Conta-se que o padre ia de bicicleta ao centro buscar verduras para engrossar a merenda das crianças, gestos simples que marcaram o cuidado social no dia a dia e fortaleceram o tecido comunitário.





As obras de infraestrutura (luzes, água encanada mais regular, ônibus passando com mais frequência) e, depois, a chegada do asfalto e do viaduto transformaram a vida cotidiana: facilitaram o deslocamento, valorizaram imóveis e abriram portas para novos investimentos. Mas os relatos mostram também que essas melhorias vieram gradualmente e nem sempre de forma uniforme, houve famílias que não viram em vida o calçamento sonhado, e partes do bairro ainda sofriam com iluminação insuficiente e ausência de áreas de lazer. Essas lacunas aparecem com clareza nas vozes das moradoras, que pediam, além de serviços, espaços para brincar, praças cuidadas e a sinalização das ruas.

Ao mesmo tempo, a fé e a organização religiosa foram fundamentais: embora o bairro tenha grande presença evangélica, a Paróquia Sant'Ana e seus agentes sociais exerceram um papel ecumênico na mobilização por melhorias, um sinal de que identidade religiosa aqui se entrelaça com ação coletiva em favor do bem comum.



Por fim, a lembrança que fica nas entrevistas é a de um orgulho enraizado. Como diz o senhor JPF (2009), comerciante que cresceu junto com o bairro: “Eu amo o Altinópolis... cresci aqui e não tenho vontade de sair.” A história do crescimento do bairro, feita de suor, fé, mutirões e pequenas gentilezas diárias, reafirma a ideia central deste capítulo: o bairro cresceu porque as pessoas cuidaram umas das outras e lutaram juntas para transformar um terreno em comunidade.

Com o tempo, vieram as primeiras melhorias: postes de luz clareando as ruas à noite, encanamento levando água limpa para as casas, um ou outro ponto de ônibus se instalando para facilitar a vida de quem precisava ir ao centro. Quando o calçamento chegou, muitos moradores sentiram que o Altinópolis estava mudando de verdade. Já não era apenas um conjunto de casas espalhadas; era um bairro ganhando forma e identidade.

A chegada do asfalto foi outro momento marcante. Para alguns, parecia mágica: aquele chão liso, que não levantava poeira nem formava lama, facilitava a circulação e deixava o bairro com um ar mais “urbano”. Comerciantes se animaram, abrindo padarias, mercadinhos e oficinas. As crianças podiam andar de bicicleta com mais facilidade, e o transporte coletivo chegava de forma mais regular.



Mas, talvez uma das mudanças mais impactantes tenha sido a construção do viaduto de acesso (Figura 6) de acesso aos bairros de Lourdes, Santo Antônio e adjacências, proporcionando aos moradores uma maior comodidade. A passagem construída pela Companhia Vale do Rio Doce, no início do bairro, impossibilitava o acesso durante a passagem do trem de ferro da companhia mineradora.

Figura 6: Viaduto do bairro Altinópolis (2007)



Fonte: Acervo OBIT.

Iniciada em 01 de junho do ano de 2006, as obras de construção do viaduto de acesso tiveram o apoio da prefeitura municipal de Governador Valadares e da Companhia Vale do Rio Doce que se responsabilizaram pelas modificações necessárias para que tal obra acontecesse. Com um orçamento total de aproximadamente R\$ 20.000.000,00 a obra gerou empregos e melhorou a arquitetura de uma das vias de acesso ao bairro. Durante a realização das obras, a população do bairro passou por muitos transtornos pelo fato desta ser uma das entradas principais para o bairro. Após um ano de espera, houve a inauguração do viaduto (Figura 7) e a comunidade pôde utilizar deste importante elemento no crescimento e desenvolvimento do bairro.

Figura 7: Inauguração do Viaduto (2007)



Fonte: Acervo OBIT.

Antes dele, o caminho até outras partes da cidade era mais demorado, feito por vias estreitas. O viaduto encurtou distâncias, facilitou o transporte de mercadorias e aproximou o bairro de novas oportunidades. Mais carros e ônibus começaram a passar, e o comércio local ganhou movimento.

Claro que nem tudo veio sem desafios. Com o viaduto, aumentaram o barulho e o fluxo de veículos, e algumas famílias precisaram se adaptar à nova dinâmica. Mas, como sempre aconteceu no Altinópolis, a comunidade se organizou e buscou maneiras de aproveitar as vantagens e lidar com as dificuldades.

Cada mudança, desde a primeira rua asfaltada até a ponte que liga o bairro a outras regiões, foi resultado de muitas mãos trabalhando, de sonhos que se encontraram e de uma força comunitária que não se perde. Hoje, quem caminha pelo Altinópolis vê um bairro vivo, com avenidas largas, praças, escolas, comércios e um viaduto que é, ao mesmo tempo, porta de entrada e símbolo de conexão.

Mas, é importante realçar que o crescimento trouxe também estigmas e desigualdades internas. Uma das entrevistadas, a senhora RCBS (2008) falou da sua percepção de insegurança ligada ao crescimento desordenado: “por ser um bairro periférico e possuir várias favelas nele. É alvo de muitos homicídios.” Essa sensação de insegurança também foi apontada pela senhora IJL (2008): “Já vi tiroteios. Uma vez morreu uma mulher aqui na rua [...]. Entregadores de pizza e hambúrguer não entregam aqui em cima, não é por distância, mas porque dizem que é muito perigoso.” (DSC, 2025).

Esta insegurança acabou por gerar um certo estigma em relação ao bairro, como informou MBA (2008): “Olha eu já sofri muito com a fama desse bairro [...] Às vezes é difícil até arrumar emprego. Mas eu gosto muito de morar aqui, sempre fui respeitado. Acredito que quem faz o lugar é a pessoa. Quero ser jornalista e não é o bairro que vai me fazer desistir.” A senhora MC (2009) também falou sobre o estigma de morar no bairro: “Aqui é bom de viver, o problema é o nome que dão. Quando digo onde moro, as pessoas já olham atravessado.” O senhor CR (2009), reforçou o sentimento de muitos moradores: “Quero continuar morando aqui, mas espero que as coisas melhorem. O bairro não é só o que falam de ruim.”



Apesar da insegurança e do estigma sentido de alguns, no coração de cada morador, fica a certeza: o crescimento do bairro é também o crescimento das famílias que o habitam. O Altinópolis não é só um lugar no mapa; é um lugar na vida de cada um que ajudou a construí-lo.



Como vivemos no Altinópolis nos dias de hoje?



O Altinópolis já não é só o bairro das primeiras casas simples, levantadas em mutirão. Com o tempo, muitas construções foram substituídas por construções mais modernas, mas ainda é possível encontrar algumas moradias antigas preservadas.

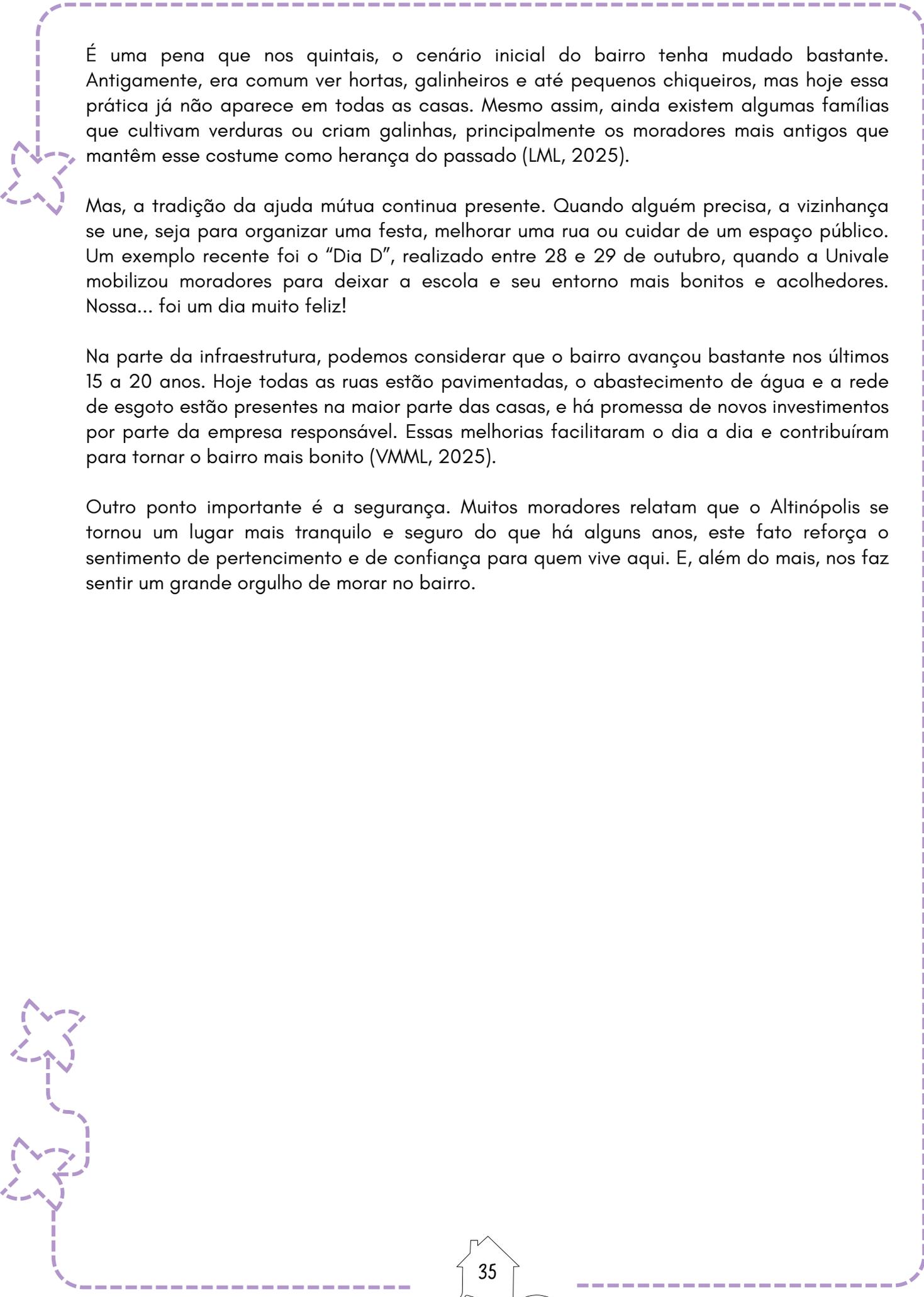
Essas casas, com fachadas discretas e telhados de cerâmica, chamam a atenção de quem passa e guardam um pouco do charme e da identidade de outros tempos (LML, 2025).



Já imaginou como seria interessante cada um de nós percorrermos o bairro para encontrar essas construções mais antigas?



Poderíamos montar um mapa do bairro identificando cada uma delas, registrando com fotografias!



É uma pena que nos quintais, o cenário inicial do bairro tenha mudado bastante. Antigamente, era comum ver hortas, galinheiros e até pequenos chiqueiros, mas hoje essa prática já não aparece em todas as casas. Mesmo assim, ainda existem algumas famílias que cultivam verduras ou criam galinhas, principalmente os moradores mais antigos que mantêm esse costume como herança do passado (LML, 2025).

Mas, a tradição da ajuda mútua continua presente. Quando alguém precisa, a vizinhança se une, seja para organizar uma festa, melhorar uma rua ou cuidar de um espaço público. Um exemplo recente foi o “Dia D”, realizado entre 28 e 29 de outubro, quando a Univale mobilizou moradores para deixar a escola e seu entorno mais bonitos e acolhedores. Nossa... foi um dia muito feliz!

Na parte da infraestrutura, podemos considerar que o bairro avançou bastante nos últimos 15 a 20 anos. Hoje todas as ruas estão pavimentadas, o abastecimento de água e a rede de esgoto estão presentes na maior parte das casas, e há promessa de novos investimentos por parte da empresa responsável. Essas melhorias facilitaram o dia a dia e contribuíram para tornar o bairro mais bonito (VMML, 2025).

Outro ponto importante é a segurança. Muitos moradores relatam que o Altinópolis se tornou um lugar mais tranquilo e seguro do que há alguns anos, este fato reforça o sentimento de pertencimento e de confiança para quem vive aqui. E, além do mais, nos faz sentir um grande orgulho de morar no bairro.

CAPÍTULO 3 – NOSSOS PONTOS DE ENCONTRO E REFERÊNCIAS CULTURAIS

Um bairro não é feito apenas de casas, ruas e praças. Ele também é tecido por lugares que se tornam referências vivas para quem mora ali – espaços onde as pessoas se encontram, compartilham histórias, fortalecem amizades e constroem laços de pertencimento. No Altinópolis, três pontos se destacam não apenas pela sua função prática, mas pelo que representam na memória e no coração da comunidade: a Paróquia Sant’Ana, a Escola Municipal Dona Adelaide Malzone Hugo, o Cemitério da Paz e muitos outros.



Desde os primeiros anos do bairro, a Paróquia Sant’Ana tem sido um ponto de referência para quem busca não apenas um espaço de oração, mas também um lugar de acolhida e convivência. A origem da igreja está ligada à devoção dos primeiros moradores, que sentiram a necessidade de ter, perto de casa, um espaço para celebrar a fé e realizar as cerimônias que marcam a vida: batizados, casamentos, missas de aniversário e despedidas (Batista, 2008; Campos e Magalhães, 2009; Garcia, 2008; Lopes, 2025).

No início, a igreja era simples. Seu altar pequeno e seus bancos de madeira guardavam a intimidade de uma comunidade que ainda estava se formando. Com o tempo, e graças ao esforço coletivo, vieram melhorias: ampliação do espaço, reformas na fachada, troca dos bancos, construção do salão paroquial.

Um bairro não é feito apenas de casas, ruas e praças. Ele também é tecido por lugares que se tornam referências vivas para quem mora ali – espaços onde as pessoas se encontram, compartilham histórias, fortalecem amizades e constroem laços de pertencimento. No Altinópolis, três pontos se destacam não apenas pela sua função prática, mas pelo que representam na memória e no coração da comunidade: a Paróquia Sant’Ana, a Escola Municipal Dona Adelaide Malzone Hugo, o Cemitério da Paz e muitos outros.

Cada avanço foi fruto da união entre padres, líderes comunitários e moradores, que contribuíam com trabalho voluntário, doações e participação ativa nas festas religiosas (Figuras 8, 9 e 10).

Figura 8: Igreja de Sant’Ana (construção original e reforma)



Fonte: Acervo OBIT.

Figura 9: Igreja de Sant'Ana (atual)



Fonte: Bonfim, 2025.

Figura 10: Altar da Igreja de Sant'Ana



Fonte: Lopes, 2025.

Assim, a Paróquia Sant'Ana é, até hoje, um coração pulsante do Altinópolis, como lembrou um entrevistado: "A igreja sempre foi o coração da comunidade. Aqui a gente se reúne não só para rezar, mas para conversar e se ajudar." (PE, 2009). Enfim, a igreja é um lugar onde a fé se mistura com a vida comunitária e onde se reforça o sentimento de que ninguém caminha sozinho.



Agora vamos conhecer sobre a Festa da Padroeira Sant'Ana. Essa festa representa a fé, a cultura e a comunidade no Coração do Altinópolis!

No mês de julho, as ruas do bairro Altinópolis ganham um colorido diferente, o aroma de comidas típicas se espalha pelo ar, o som de vozes, a procissão (Figura 11) e cânticos ressoa até tarde da noite. O tempo de Festa da Padroeira Sant'Ana (Figura 12) é um dos momentos mais aguardados do ano, quando a fé se mistura ao reencontro dos vizinhos, à música, à culinária (barraquinhas - Figura 13) e à tradição transmitida de geração em geração (Batista, 2008; Campos e Magalhães, 2009; Reis, 2025).

Figura 11: Procissão com a imagem de Sant'Ana pelas ruas do bairro Altinópolis



Fonte: Reis, 2025.

Figura 12: Festejos da padroeira



Fonte: Reis, 2025.

Figura 13: Paroquiano trabalhando nas barraquinhas da Festa de Sant'Ana



Fonte: Reis, 2025.

A devoção a Sant'Ana chegou ao bairro no início da década de 1970, quando os primeiros moradores decidiram, em reunião comunitária, escolher uma padroeira própria para aquele núcleo que então pertencia à Paróquia Nossa Senhora de Lourdes. A escolha foi carregada de significado: entre todos os santos já venerados na cidade, sentia-se falta da figura materna de Maria e avó de Jesus. Assim, Sant'Ana foi entronizada como protetora da comunidade, e desde então sua festa se tornou símbolo de união e identidade local (Lopes, 2025; Reis, 2025).

Com o passar dos anos, a celebração se transformou. Se antes era um evento restrito à novena e à missa, hoje se estende por cerca de 10 a 12 dias, envolvendo a novena preparatória, missas com padres convidados, procissão pelas ruas do bairro, barraquinhas repletas de quitutes, apresentações musicais e momentos de convivência que fazem a praça e o entorno da paróquia pulsarem de vida. A cada noite, diferentes pastorais assumem a organização da liturgia, criando um clima de partilha e corresponsabilidade (Reis, 2025).

No dia 26 de julho, data dedicada a Sant'Ana no calendário litúrgico, acontece o ponto alto da festa. A missa solene reúne fiéis do bairro e de outras regiões da cidade, que acompanham a procissão conduzindo a imagem da padroeira pelas ruas enfeitadas. É um cortejo de fé e gratidão, marcado por cânticos, orações e gestos de devoção. Ao final, a comunidade se reúne novamente no pátio da igreja, onde a música, a comida e a conversa solta prolongam o espírito festivo (Reis, 2025).

Mais do que uma celebração religiosa, a Festa de Sant'Ana é um patrimônio cultural vivo do Altinópolis. Ela mobiliza moradores de diferentes idades, incluindo jovens que se envolvem ativamente na montagem das barraquinhas, na divulgação pelas redes sociais e na organização dos eventos culturais. Pequenos comerciantes se beneficiam com o movimento, e a arrecadação das vendas é revertida para a própria paróquia e ações sociais, fortalecendo o sentido de solidariedade (Batista, 2008; Campos e Magalhães, 2009; Reis, 2025).

Um dos aspectos mais bonitos da festa é sua abertura: embora tenha origem católica, recebe também pessoas de outras religiões, que participam pelo vínculo afetivo com a comunidade ou pelo apreço à cultura local. Esse caráter acolhedor reforça a ideia de que a Festa de Sant'Ana vai além da liturgia – ela é também um espaço de encontro, pertencimento e memória coletiva (Reis, 2025).

Um dos aspectos mais bonitos da festa é sua abertura: embora tenha origem católica, recebe também pessoas de outras religiões, que participam pelo vínculo afetivo com a comunidade ou pelo apreço à cultura local. Esse caráter acolhedor reforça a ideia de que a Festa de Sant'Ana vai além da liturgia – ela é também um espaço de encontro, pertencimento e memória coletiva (Reis, 2025).





Na paisagem e no imaginário do bairro, a festa marca o tempo. Cada edição acrescenta novas histórias às lembranças dos moradores: a receita especial feita por uma família, a música que animou a noite, a promessa cumprida, o reencontro com quem voltou apenas para participar da celebração. É a tradição se renovando a cada ano, sustentada pelo esforço coletivo e pela devoção àquela que é vista como símbolo de sabedoria, proteção e maternidade.

Com a participação ativa das novas gerações, a preservação das memórias dos mais velhos e o uso das redes sociais para registrar e divulgar cada momento, a Festa de Sant'Ana mostra que continua viva, vibrante e pronta para atravessar o futuro mantendo aceso o elo entre fé, cultura e comunidade no coração do Altinópolis.



Vamos conhecer a Escola Dona Adelaide Malzone Hugo. Lá é um lugar importante de educação e de memória viva!

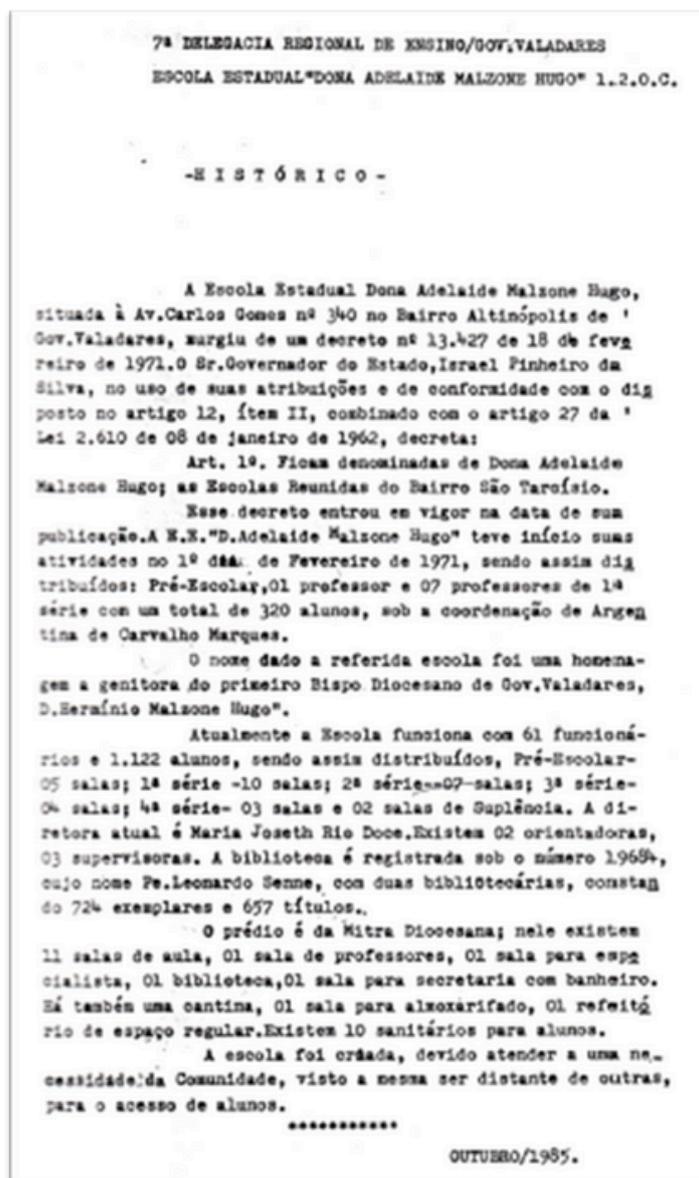
A Escola Municipal Dona Adelaide Malzone Hugo (Figura 14) iniciou suas atividades em 1971 (Figura 15) devido a necessidade de oferecer ensino para as crianças do bairro, evitando que elas precisassem se deslocar longas distâncias para estudar (Batista, 2008; Campos e Magalhães, 2009; Silva, 2025). Sua fundação está ligada ao crescimento populacional do Altinópolis e ao esforço conjunto da prefeitura e da comunidade para garantir o direito à educação. A senhora NA (2009), lembrou que "A escola demorou muito para chegar, meus filhos tinham que andar muito até outra região. Foi uma luta conseguir."

Figura 14: Fachada da E.E. Dona Adelaide Malzone Hugo



Fonte: Bonfim, 2025.

Figura 15: Documento da Delegacia Regional de Ensino



Fonte: Acervo OBIT.

Com o passar dos anos, a escola se tornou mais do que um espaço de aprendizagem formal. Muitos o(a) educador(a)es e funcionários são ou foram moradores do próprio bairro, o que cria uma relação de proximidade com os alunos e suas famílias (Batista, 2008; Campos e Magalhães, 2009; Silva, 2025). O(a) educador(a)es conhecem as histórias dos pais, acompanham irmãos e, em alguns casos, chegam a ensinar três gerações da mesma família.

A escola também é palco de eventos que fortalecem a identidade local: festas juninas, desfiles cívicos, feiras de ciências e apresentações culturais. Esses momentos transformam o pátio escolar em um grande espaço de encontro, onde a comunidade se reconhece e se orgulha do próprio bairro. Muitas dessas atividades, inclusive, servem para resgatar memórias, valorizar tradições e estimular as crianças a conhecerem mais sobre o lugar onde vivem (Batista, 2008; Campos e Magalhães, 2009; Silva, 2025).

Ao longo do tempo, a Escola Dona Adelaide se tornou um patrimônio afetivo do Altinópolis, não apenas por formar cidadãos, mas por manter viva a história de uma comunidade que acredita que o conhecimento é caminho para o futuro.

Olá!! Eu vou contar um
pouquinho sobre a
Igreja Presbiteriana do
Altinópolis



A Igreja Presbiteriana de Altinópolis (Figuras 16 e 17) é um marco de fé, história e convivência no bairro, resultado de um esforço coletivo que atravessa gerações. Sua origem remonta ao final da década de 1980, quando membros da União Presbiteriana de Homens da Igreja Presbiteriana Filadélfia decidiram levar ao Altinópolis não apenas a mensagem do Evangelho, mas também um espaço de acolhimento e serviço comunitário. Com apoio pastoral e o trabalho de comissões formadas por presbíteros e irmãos da fé, o terreno foi adquirido e, ainda antes da conclusão da construção, já aconteciam as primeiras aulas da Escola Bíblica Dominical, em julho de 1989. Dois anos depois, em 10 de novembro de 1991, a congregação foi oficialmente organizada como Igreja Presbiteriana do Altinópolis (Rocha, 2025).

Figura 16: Fachada da Igreja Presbiteriana do Altinópolis



Fonte: Rocha, 2025.

Figura 17: Pátio interno da Igreja Presbiteriana do Altinópolis



Fonte: Rocha, 2025.

Localizada na Avenida Beira Lago, número 922, a igreja se estrutura em três prédios principais, integrando templo, salas de ensino, gabinete pastoral e cozinha. Ao longo do tempo, passou por reformas e melhorias, mas manteve o traço simples e funcional característico da tradição reformada. No interior, não há imagens ou esculturas religiosas, o símbolo mais presente é o da Sarça Ardente, emblema da Igreja Presbiteriana do Brasil, remetendo ao chamado de Moisés e à presença constante de Deus (Rocha, 2025).



A atuação da igreja vai muito além do culto dominical. É espaço de encontros semanais de oração, estudos bíblicos, celebrações como Natal, Páscoa e Reforma Protestante, além de ações sociais que já incluíram apoio ao CRAS, doação de cestas básicas, eventos para famílias e atividades infantis abertas à comunidade. Desde sua fundação, mantém relação de apoio com outras instituições do bairro, como na época em que cedeu espaço para a construção da escola local, e recebe fiéis de diferentes partes da cidade, consolidando seu papel intercomunitário (Rocha, 2025).

Sua comunidade é formada majoritariamente por membros que acompanham a história desde os primeiros anos, muitos já idosos, mas há um trabalho contínuo de integração de jovens e crianças, sobretudo pela Escola Bíblica Dominical e pelas Sociedades Internas. Essa convivência intergeracional garante a continuidade das práticas religiosas e a preservação da memória do lugar (Rocha, 2025).

Embora não seja um ponto turístico formal, a igreja se torna um espaço de visita em ocasiões especiais, como congressos e batismos, reunindo visitantes que buscam fortalecer laços espirituais e comunitários. A ausência de foco comercial e a manutenção do trabalho por meio de dízimos e ofertas voluntárias reforçam seu caráter de missão e serviço, sem desvios de sua função espiritual.

Mais do que um prédio ou uma instituição, a Igreja Presbiteriana de Altinópolis representa a permanência de valores, a resistência de vínculos comunitários e a força de uma fé que se expressa em cuidado, acolhimento e ação. Ao longo de mais de três décadas, consolidou-se como um ponto de referência não apenas na paisagem urbana, mas também na história viva do bairro, sendo guardiã de memórias, tradições e encontros que continuam a moldar a identidade local.



No coração do bairro Altinópolis, em uma rua tranquila cercada de residências, ergue-se um templo que, apesar de sua simplicidade arquitetônica, guarda histórias de fé, perseverança e comunhão: a Igreja Evangélica Assembleia de Deus - Capistrano de Abreu (Andrade, 2025). Mais que um prédio de alvenaria, ela é um ponto de encontro e um porto espiritual para fiéis que buscam fortalecimento na palavra e apoio na vida cotidiana (Figuras 18 e 19).

Figura 18: Fachada da Igreja Evangélica Assembleia de Deus



Fonte: Andrade, 2025.

No coração do bairro Altinópolis, em uma rua tranquila cercada de residências, ergue-se um templo que, apesar de sua simplicidade arquitetônica, guarda histórias de fé, perseverança e comunhão: a Igreja Evangélica Assembleia de Deus - Capistrano de Abreu (Andrade, 2025). Mais que um prédio de alvenaria, ela é um ponto de encontro e um porto espiritual para fiéis que buscam fortalecimento na palavra e apoio na vida cotidiana (Figuras 18 e 19).

Figura 19: Interior da Igreja Evangélica Assembleia de Deus



Fonte: Andrade, 2025.



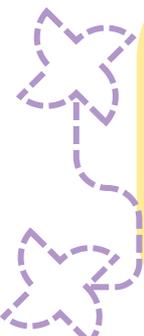
A igreja, que integra a estrutura da Assembleia de Deus de Governador Valadares, não possui CNPJ independente, funcionando vinculada à matriz municipal sob o registro 73.487.126/0001-06. Fundada oficialmente em 8 de outubro de 1993, a denominação no bairro reflete a expansão do movimento pentecostal na cidade, oferecendo cultos, ensino bíblico e atividades comunitárias que fortalecem os laços entre vizinhos e amigos (Andrade, 2025).

Sua fachada é simples e funcional, com letreiro visível e linhas retas, mas com um detalhe que chama atenção: a parte frontal avança ligeiramente pelas laterais, criando a impressão de uniformidade no revestimento, embora as laterais possuam apenas pintura verde. Esse recurso, aliado à iluminação e ao cuidado com a manutenção, transmite acolhimento aos que chegam, seja para um culto, uma reunião de oração ou um encontro festivo. Ao longo dos anos, a principal transformação visual foi a substituição das janelas e portas: antes, esquadrias brancas marcavam a fachada; a partir de 2022, vidros escuros passaram a compor o visual, conferindo um ar mais moderno (Andrade, 2025).

No interior, o ambiente é amplo e organizado, com assentos dispostos de forma a criar proximidade entre os participantes. O altar, ponto focal, recebe atenção especial nas celebrações, seja durante as pregações, a execução dos hinos ou nos momentos de oração coletiva. A cobertura oferece conforto térmico, e o espaço está adaptado para acolher tanto grandes encontros quanto atividades menores, como reuniões de estudo e discipulado (Andrade, 2025).

As atividades da igreja são marcadas por regularidade e diversidade: cultos pentecostais, Escola Bíblica Dominical, batismos, retiros espirituais, vigílias e encontros temáticos. Além do aspecto religioso, a comunidade desempenha papel de apoio social e emocional, tornando-se um espaço onde problemas são compartilhados e enfrentados de forma coletiva, com base na fé e na solidariedade (Andrade, 2025).

A organização segue o modelo eclesial da denominação, sendo conduzida por pastores e presbíteros, com o suporte de uma diretoria local. O financiamento das atividades vem das contribuições voluntárias dos membros e simpatizantes. A divulgação dos eventos é feita tanto de forma presencial quanto por meio das redes sociais, especialmente Instagram e Facebook, ampliando o alcance e atraindo visitantes de outros bairros (Andrade, 2025).



Embora não seja considerada um ponto turístico formal, a igreja, em ocasiões especiais, como festas de batismo ou eventos comemorativos, recebe um público que vai além da vizinhança. A participação intercomunitária é um dos traços marcantes: moradores de outras regiões de Governador Valadares se juntam aos membros locais, fortalecendo os vínculos religiosos e sociais.



Assim, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus - Capistrano de Abreu é mais que um templo. Ela é testemunha viva da caminhada de fé de centenas de pessoas, um espaço que acompanha o crescimento do bairro e se mantém fiel à missão de pregar, ensinar e servir. Em sua simplicidade, guarda a força de uma comunidade que encontra no culto e na convivência a esperança e a motivação para seguir adiante, sustentada pelo lema pentecostal de que "Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e eternamente".

Agora, vamos conhecer um espaço de cuidado, memória e futuro: a Creche Padre Leonardo Senne



O Centro Municipal de Educação Infantil Padre Leonardo Senne (Figura 20) nasceu do desejo coletivo de transformar um sonho em realidade. Sua história começa em 2002, quando a comunidade do Altinópolis participou do Orçamento Participativo e defendeu a criação de um espaço que acolhesse as crianças pequenas do bairro (Figuras 21 e 22). O nome escolhido foi uma homenagem sentida ao padre que, durante anos, esteve presente na vida de tantas famílias, acompanhando de perto suas dificuldades, incentivando a educação e oferecendo apoio nos momentos mais desafiadores (Lima, 2025).



Figura 20: Fachada do Centro Municipal de Educação Infantil Padre Leonardo Senne (CMEI/Creche Padre Leonardo Senne)



Fonte: Lima, 2025.

Figura 21: Pátio interno do CMEI/Creche Padre Leonardo Senne



Fonte: Lima, 2025.

Figura 22: Pátio interno do CMEI/Creche Padre Leonardo Senne



Fonte: Lima, 2025.

Oficialmente criado em 2003 e inaugurado em maio de 2004, o CMEI iniciou suas atividades com cerca de 60 crianças atendidas em tempo integral. Aos poucos, foi crescendo e se consolidando como referência educacional e afetiva. Hoje, atende um número bem maior de crianças de 2 a 5 anos, oferecendo um ambiente acolhedor, seguro e estimulante para o desenvolvimento físico, social e emocional (Lima, 2025).

A primeira diretora recorda com emoção os desafios e a alegria dos primeiros passos: organizar a equipe, conquistar a confiança das famílias, criar rotinas que respeitassem as necessidades das crianças e, ao mesmo tempo, promover atividades que valorizassem a cultura local. Essa relação próxima com as famílias continua sendo um dos pilares do trabalho, fortalecendo o elo entre escola e comunidade (Lima, 2025).

A arquitetura do CMEI foi pensada para ser funcional e aberta às experiências infantis. Possui pátio coberto e descoberto, horta vertical, salas de aula arejadas e um refeitório onde são servidas refeições preparadas por profissionais qualificados.

Oficialmente criado em 2003 e inaugurado em maio de 2004, o CMEI iniciou suas atividades com cerca de 60 crianças atendidas em tempo integral. Aos poucos, foi crescendo e se consolidando como referência educacional e afetiva. Hoje, atende um número bem maior de crianças de 2 a 5 anos, oferecendo um ambiente acolhedor, seguro e estimulante para o desenvolvimento físico, social e emocional (Lima, 2025).

A primeira diretora recorda com emoção os desafios e a alegria dos primeiros passos: organizar a equipe, conquistar a confiança das famílias, criar rotinas que respeitassem as necessidades das crianças e, ao mesmo tempo, promover atividades que valorizassem a cultura local. Essa relação próxima com as famílias continua sendo um dos pilares do trabalho, fortalecendo o elo entre escola e comunidade (Lima, 2025).

A arquitetura do CMEI foi pensada para ser funcional e aberta às experiências infantis. Possui pátio coberto e descoberto, horta vertical, salas de aula arejadas e um refeitório onde são servidas refeições preparadas por profissionais qualificados.

A vida do CMEI não se limita à rotina das aulas. Eventos culturais, momentos de contação de histórias, apresentações artísticas e festas escolares fazem parte do calendário, incentivando a expressão das crianças e a integração entre gerações. Há também um mural que registra a história da instituição e um pequeno palco onde as crianças se apresentam, reforçando a importância do protagonismo infantil e do reconhecimento público de suas conquistas (Lima, 2025).

O vínculo afetivo com a comunidade é tão forte que muitos pais, que já foram alunos da creche, hoje levam seus filhos para o mesmo espaço, perpetuando uma relação de confiança construída ao longo do tempo. Esse sentimento é reforçado pelo cuidado e pela dedicação da equipe, que, como lembra a educadora Dayse Helena de Souza, vê na organização e na estrutura bem planejada um diferencial que influencia diretamente no desenvolvimento das crianças.

Mais do que um equipamento público, a Creche Padre Leonardo Senne é um símbolo da continuidade de laços afetivos no Altinópolis. Sua existência reafirma o papel da comunidade na construção de soluções para suas próprias necessidades e a importância de manter vivas as memórias de quem contribuiu para que esses espaços se tornassem realidade. Entre a lembrança das primeiras turmas e os planos de reforma para o futuro, o CMEI segue como um lugar onde cada gesto de cuidado é também um investimento no amanhã.





Agora, vamos falar de fé, união, identidade e conhecer a Comunidade Santa Clara, no coração do Altinópolis!

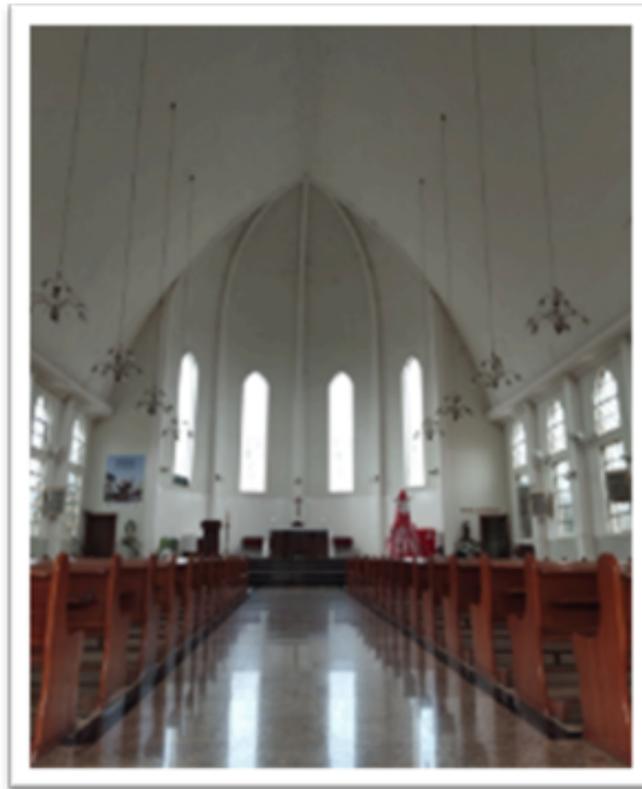
A história da Comunidade Santa Clara (Figuras 23 e 24) começa muito antes de suas paredes serem erguidas. Nos anos 1960, um pequeno grupo de fiéis se reunia, domingo após domingo, em três salas improvisadas, que também serviam como salas de aula até o ensino primário. As missas eram raras, apenas uma vez por mês, mas cada encontro era motivo de alegria e fortalecimento da fé. Muitos moradores guardam na memória o tempo em que subir até a antiga Igreja de São Francisco, no alto do Planalto, significava enfrentar ladeira, poeira ou lama, um desafio ainda maior para os idosos (Garcia, 2008; Bonfim, 2025).

Figura 23: Fachada da Igreja Santa Clara



Fonte: Bonfim, 2025.

Figura 24: Interior da Igreja Santa Clara



Fonte: Bonfim, 2025.

Essa distância foi o que despertou o desejo de um templo mais próximo, acessível e acolhedor. Foi assim que, no fim da década de 1990, sob a liderança do padre Geraldo, nasceu a Comunidade Santa Clara, escolhendo como padroeira a santa que, na Itália do século XIII, caminhou lado a lado com São Francisco de Assis. A homenagem unia simbolicamente os dois santos e, ao mesmo tempo, marcava um novo capítulo para o bairro (Bonfim, 2025).

A construção da igreja, iniciada em 1999, é um exemplo vivo de como a fé pode mover montanhas ou, no caso, cavar 36 sapatas para erguer um templo. Cada família assumiu simbolicamente a responsabilidade por uma dessas fundações. Homens e mulheres, jovens e crianças se envolveram no processo: uns cavavam, outros carregavam tijolos, enquanto o café, o pão e a conversa mantinham a energia e o ânimo do grupo. O padre Geraldo, misturando-se aos voluntários, também pegava na enxada e carregava massa, mostrando que a liderança pastoral se constrói junto com a comunidade, não à parte dela (Bonfim, 2025).

Para quem participou desde o início da coordenação, essa caminhada foi marcada por desafios e milagres (milagres que não vieram de aparições), mas da união, do zelo e do amor compartilhado. Os próprios moradores, ainda crianças, organizava barraquinhas nas festas, coordenava atividades e ajudava a animar a comunidade. Pode-se dizer que o grande milagre de Santa Clara era a união do povo. Assim, mesmo diante de uma obra tão grande, todos comprovavam que, nestes casos, a fé de que “Deus proverá”, respondia aos desafios.

Hoje, a igreja acolhe cerca de 120 a 125 pessoas todos os domingos pela manhã. Além da missa, o espaço é cenário para catequese, festas da padroeira e atividades que vão muito além do rito litúrgico. O tríduo de Santa Clara, celebrado todo mês de agosto, é mais que uma festividade: é uma expressão cultural e afetiva, que reúne vizinhos, visitantes de outros bairros e paróquias, e reafirma a identidade comunitária. Durante três dias de reflexão e oração, a figura de Santa Clara é lembrada como exemplo de humildade, fé profunda e serviço ao próximo (Bonfim, 2025).

A arquitetura da igreja, com seus 17 metros de altura, vitrais coloridos e fachada imponente, transformou-se em referência visual do bairro. Ao fundo, um galpão serve de espaço multifuncional: catequese, encontros pastorais, reuniões e eventos festivos. O lugar se mantém vivo graças ao dízimo, às barraquinhas e aos bingos que financiam tanto a manutenção física do templo quanto atividades sociais e pastorais (Bonfim, 2025).

Mais do que um prédio, a Comunidade Santa Clara é um lugar de pertencimento. É onde famílias se reúnem para rezar, mas também para partilhar alegrias, enfrentar dificuldades e celebrar conquistas. Para muitos, é o ponto onde a memória do bairro se entrelaça à história pessoal – e onde a fé, cultivada em gestos concretos de cooperação, continua a moldar o presente e a inspirar o futuro.

Eu vou contar para você sobre a Festa de Santa Clara, símbolo de união na vida comunitária do Altinópolis



Todos os anos, no mês de agosto, a Comunidade Santa Clara, no bairro Altinópolis, se enche de cores, aromas e sons que anunciam a chegada de um dos eventos mais significativos de sua vida religiosa e social: a Festa de Santa Clara. A celebração, que inclui uma procissão (Figura 25), não é apenas um momento litúrgico (Figura 26), ela é o reflexo de uma devoção cultivada há décadas, que ilumina tanto os corações dos moradores quanto a identidade cultural do bairro (Brun, 2025).



Figura 25: Procissão de Santa Clara (2018)



Fonte: Brun, 2025.

Figura 26: Celebração na Festa de Santa Clara (2018)



Fonte: Brun, 2025.

Figura 27: Festa de Santa Clara (2018)



Fonte: Brun, 2025

No dia 11, o bairro se transforma. Moradores e visitantes chegam cedo para garantir lugar na missa solene, que costuma ser celebrada por padres convidados e, em anos especiais, pelo próprio bispo diocesano. O momento é de emoção coletiva, não é raro ver pessoas pagando promessas, trazendo ex-votos, ou simplesmente participando para agradecer por bênçãos recebidas. Embora em outras cidades a festa inclua procissão, no Altinópolis ela não ocorre devido à proximidade da BR, o que poderia oferecer riscos aos participantes (Brun, 2025).

Depois da celebração, o clima se torna ainda mais acolhedor. As barraquinhas montadas no pátio da igreja se enchem de comidas típicas, quitutes caseiros e bebidas. É hora de reencontrar vizinhos, receber amigos de outros bairros e compartilhar histórias. A partilha de alimentos, seja no bolo da comunidade ou nas porções preparadas pelas famílias, simboliza a fraternidade que sustenta a festa (Brun, 2025).

Com o passar dos anos, a Festa de Santa Clara manteve sua essência, mas também se adaptou aos novos tempos. Hoje, conta com melhor estrutura de som, iluminação e organização, além de divulgação nas redes sociais, o que amplia a participação e atrai devotos de outras partes da cidade. Ainda assim, o núcleo da celebração permanece o mesmo: a fé vivida de forma comunitária (Brun, 2025).

Os significados vão além da devoção religiosa. A festa movimenta a economia local, gera renda para a manutenção da capela e incentiva a cooperação entre vizinhos. Mais que um evento, é um espaço de construção de pertencimento, especialmente para os moradores mais antigos, que veem na comemoração um elo entre passado e presente (Brun, 2025).

A imagem de Santa Clara, vestida e ornada com esmero, carrega simbolicamente a luz que, segundo a tradição, “clareia os caminhos” e protege os lares. Para muitos, a participação na festa é um ato de fé, mas também de memória: lembra a construção da capela, as primeiras celebrações, e a união que sempre guiou a comunidade (Brun, 2025).

A continuidade dessa tradição depende, agora, da renovação geracional. Envolver os jovens, registrar a história em fotos e vídeos e manter viva a transmissão dos saberes são passos essenciais para que, ano após ano, a Festa de Santa Clara siga iluminando o bairro com a mesma intensidade de sempre.



Localizada no ponto central do bairro Altinópolis, a Praça Elton Moreno (Figura 28) é mais que um espaço público: é um verdadeiro símbolo de convivência, memória e identidade para seus moradores. Construída na década de 1990, nasceu do desejo coletivo de ter um local de lazer que fosse, ao mesmo tempo, funcional e afetivo. Seu nome homenageia Elton Moreno, um morador que se destacou pela atuação comunitária nas décadas de 1980 e 1990, mobilizando vizinhos e associações para melhorias urbanas e promovendo eventos culturais e esportivos que ajudaram a fortalecer o tecido social do bairro (Gonçalves, 2025).

Figura 28: Vista lateral da Praça Elton Moreno



Fonte: Bonfim, 2025.

A praça apresenta um desenho simples e acolhedor, cercada por ruas asfaltadas, calçadas largas e um entorno vibrante, composto por comércios, escolas e igrejas. Bancos de concreto, brinquedos infantis, equipamentos de ginástica, jardins e árvores de médio e grande porte compõem a paisagem, oferecendo conforto térmico e um convite constante ao convívio (Figura 29). Nas áreas gramadas, muitas vezes transformadas em palco improvisado, acontecem apresentações culturais, jogos, atividades escolares e encontros festivos (Gonçalves, 2025).

Figura 29: Vista panorâmica da Praça Elton Moreno



Fonte: Bonfim, 2025.

A vida cotidiana da praça é intensa. Logo pela manhã, grupos de caminhada dividem espaço com idosos que se reúnem para conversar, enquanto crianças aproveitam o parquinho. No fim da tarde, jovens se encontram para jogar bola na quadra poliesportiva ou simplesmente conversar sob a sombra das árvores. Ao longo do ano, a praça se transforma para receber festas juninas organizadas por escolas, missas campais, feiras artesanais, apresentações musicais e eventos cívicos como o Dia das Crianças e o Natal. Igrejas locais, tanto católicas quanto evangélicas, também realizam ali ações sociais e momentos de oração coletiva, fazendo da praça uma “igreja a céu aberto” em ocasiões especiais (Gonçalves, 2025).

As mudanças físicas ao longo das décadas não alteraram sua essência (Figura 30). A substituição de brinquedos, a instalação de iluminação LED e a inclusão de uma academia popular são melhorias que se somaram à estrutura original, sem descaracterizar sua função principal: ser um espaço de encontro e lazer. As árvores mais antigas permanecem como guardiãs da memória do lugar, testemunhando gerações que cresceram brincando sob suas copas (Gonçalves, 2025).

Figura 30: Vista de cima da Praça Elton Moreno



Fonte: Gonçalves, 2025.

O vínculo afetivo com a Praça Elton Moreno é evidente nos depoimentos dos moradores. Para a senhora VMML (2025), moradora há mais de meio século, “o bairro evoluiu bastante e a praça se tornou um ponto de encontro e apoio para a vizinhança, oferecendo tranquilidade e lazer para todas as idades”. Já LML (2025), estudante de Arquitetura, destaca que cresceu brincando ali e que, mesmo com o passar dos anos e a rotina corrida, a pracinha continua sendo “o lugar certo para se reunir e conversar sobre a vida”.

Além de seu papel social e cultural, a praça também gera impacto econômico indireto. Pequenos comerciantes locais se beneficiam da movimentação gerada por eventos e encontros, e ações como mutirões de limpeza, feiras e festas fortalecem os laços de solidariedade. Apesar de não figurar como atrativo turístico oficial, é reconhecida em toda a cidade como símbolo de sociabilidade e resistência à perda dos espaços públicos (Gonçalves, 2025).

Chamada por muitos de “o coração do Altinópolis”, a Praça Elton Moreno é mais que um local físico: é um território afetivo, onde a vida do bairro pulsa com intensidade. Sua permanência como espaço vivo depende tanto das políticas públicas de manutenção quanto do compromisso comunitário de preservá-la. Mais do que bancos, árvores e brinquedos, ela é feita das histórias, encontros e memórias que, dia após dia, continuam a ser construídos ali.

Um lugar importante,
de memória e respeito
em nosso bairro é o
Cemitério da Paz!



À primeira vista, pode parecer que um cemitério não combina com a ideia de ponto de encontro. Mas o Cemitério da Paz (Figura 31), localizado no bairro, guarda um papel muito importante na história coletiva. Ele é o espaço onde famílias se despedem de seus entes queridos, mas também onde mantêm viva a memória daqueles que ajudaram a construir o Altinópolis (Batista, 2008; Campos e Magalhães, 2009).

Figura 31: Entrada do Cemitério da Paz



Fonte: Google Maps, 2025.

Ao caminhar por suas alamedas, é possível reconhecer sobrenomes que se repetem em diferentes famílias do bairro, ler datas que atravessam décadas e imaginar as histórias por trás de cada lápide. Para muitos moradores, visitar o cemitério não é apenas um ato de luto, mas um momento de recordar e agradecer (Batista, 2008; Campos e Magalhães, 2009).

O Dia de Finados é a data em que o Cemitério da Paz mais se transforma. Logo cedo, as ruas próximas se enchem de gente, flores e velas. Famílias se encontram, compartilham lembranças e até levam as crianças para apresentar o lugar, explicando que ali estão pessoas queridas que ajudaram a formar o bairro. É um momento de união e de reafirmação da importância da memória para o fortalecimento da comunidade (Batista, 2008; Campos e Magalhães, 2009).



Mais do que construções, todos esses lugares que vimos, são pedaços que compõem a nossa vida cotidiana!

A Paróquia Sant'Ana, a Escola Dona Adelaide Malzone Hugo e o Cemitério da Paz são muito mais do que construções de tijolo e cimento. Eles carregam as marcas do tempo, das festas, das lutas, das conquistas e das despedidas. São lugares que guardam o passado, acolhem o presente e ajudam a sonhar o futuro.

Em cada um deles, o Altinópolis revela sua essência: uma comunidade que constrói laços, compartilha histórias e mantém viva a certeza de que os lugares onde nos encontramos (para celebrar, aprender ou lembrar) são aqueles que nos definem como bairro e como família.

Para além dos espaços formais (igreja, escola e cemitério) o Altinópolis se construiu sobre uma rede de lugares e histórias que uniam as pessoas no dia a dia. Um exemplo marcante foi a Casa da Amizade, criada em 1978 pelo padre Leonardo Senne. Localizada onde hoje está a Igreja de Sant'Ana, a casa abrigava famílias inteiras que não tinham moradia, oferecendo um teto provisório até que pudessem se instalar em outras áreas do bairro. Ao lado, funcionava o Centro Social, um espaço de acolhimento e assistência para os mais carentes, onde se distribuía alimentos, roupas e onde também se realizavam reuniões comunitárias. Tudo isso era mantido por doações dos próprios moradores, pelo dízimo da igreja, por contribuições enviadas da Holanda pela mãe do padre, dona Anna, e por eventos comunitários como festas juninas e barraquinhas, que além de arrecadar recursos, eram momentos de encontro, música e alegria coletiva.

A Escola Estadual Dona Adelaide Malzone Hugo guarda memórias igualmente fortes de mobilização. Antes de ser construída, o padre Leonardo articulou com a Companhia Vale do Rio Doce a doação de blocos de concreto para erguer o prédio. Esses blocos eram tão pesados que precisaram ser quebrados e carregados manualmente pelos jovens e adultos do bairro, num verdadeiro mutirão. Cada pedra assentada trazia consigo o esforço coletivo e o sonho de oferecer educação próxima às crianças, evitando longas caminhadas até outras regiões da cidade. Mesmo após a inauguração, a participação da comunidade continuou: o padre, por exemplo, ia de bicicleta até o centro para buscar verduras, legumes e frutas que reforçavam a merenda escolar, garantindo que a "sopa dos pequenos" fosse mais nutritiva. A escola, assim, não era apenas um espaço de aprendizado, mas também um símbolo de que a união da comunidade podia transformar o que parecia impossível em realidade.

No campo religioso, as igrejas evangélicas também desempenharam um papel central como pontos de encontro. Moradoras como as senhoras NAP e HLA lembram que os cultos e reuniões de oração aconteciam tanto nos templos quanto nas casas dos fiéis, e até na casa de quem não era membro, pois o que importava era o acolhimento. Entre as primeiras a se estabelecer, estavam a Assembleia de Deus da rua Miguel Couto, a Igreja Maranata e a Igreja da Restauração. Com o tempo, surgiram outras denominações, mas todas, de alguma forma, contribuíram para a vida comunitária. Apesar da diversidade de crenças, o respeito mútuo sempre esteve presente: muitos evangélicos reconheciam a importância do trabalho social realizado pela Paróquia Sant'Ana e participavam de iniciativas em benefício do bairro.

Os pequenos comércios também eram centros informais de convivência. Mercearias como a do senhor "Físico" e o ponto do senhor Paulo não vendiam apenas arroz, feijão ou pão: eram lugares onde se trocavam recados, se pediam favores, se combinavam mutirões e até se prestavam primeiros socorros com remédios simples. Nessas portas e balcões, criavam-se laços, compartilhavam-se dificuldades e, muitas vezes, encontravam-se soluções para problemas coletivos (Batista, 2008; Campos e Magalhães, 2009).



A Paróquia Sant'Ana, a Escola Dona Adelaide Malzone Hugo e o Cemitério da Paz são muito mais do que construções de tijolo e cimento. Eles carregam as marcas do tempo, das festas, das lutas, das conquistas e das despedidas. São lugares que guardam o passado, acolhem o presente e ajudam a sonhar o futuro.

Em cada um deles, o Altinópolis revela sua essência: uma comunidade que constrói laços, compartilha histórias e mantém viva a certeza de que os lugares onde nos encontramos (para celebrar, aprender ou lembrar) são aqueles que nos definem como bairro e como família.

Para além dos espaços formais (igreja, escola e cemitério) o Altinópolis se construiu sobre uma rede de lugares e histórias que uniam as pessoas no dia a dia. Um exemplo marcante foi a Casa da Amizade, criada em 1978 pelo padre Leonardo Senne. Localizada onde hoje está a Igreja de Sant'Ana, a casa abrigava famílias inteiras que não tinham moradia, oferecendo um teto provisório até que pudessem se instalar em outras áreas do bairro. Ao lado, funcionava o Centro Social, um espaço de acolhimento e assistência para os mais carentes, onde se distribuíam alimentos, roupas e onde também se realizavam reuniões comunitárias.

Tudo isso era mantido por doações dos próprios moradores, pelo dízimo da igreja, por contribuições enviadas da Holanda pela mãe do padre, dona Anna, e por eventos comunitários como festas juninas e barraquinhas, que além de arrecadar recursos, eram momentos de encontro, música e alegria coletiva.

A Escola Estadual Dona Adelaide Malzone Hugo guarda memórias igualmente fortes de mobilização. Antes de ser construída, o padre Leonardo articulou com a Companhia Vale do Rio Doce a doação de blocos de concreto para erguer o prédio. Esses blocos eram tão pesados que precisaram ser quebrados e carregados manualmente pelos jovens e adultos do bairro, num verdadeiro mutirão. Cada pedra assentada trazia consigo o esforço coletivo e o sonho de oferecer educação próxima às crianças, evitando longas caminhadas até outras regiões da cidade. Mesmo após a inauguração, a participação da comunidade continuou: o padre, por exemplo, ia de bicicleta até o centro para buscar verduras, legumes e frutas que reforçavam a merenda escolar, garantindo que a “sopa dos pequenos” fosse mais nutritiva. A escola, assim, não era apenas um espaço de aprendizado, mas também um símbolo de que a união da comunidade podia transformar o que parecia impossível em realidade.

No campo religioso, as igrejas evangélicas também desempenharam um papel central como pontos de encontro. Moradoras como as senhoras NAP e HLA lembram que os cultos e reuniões de oração aconteciam tanto nos templos quanto nas casas dos fiéis, e até na casa de quem não era membro, pois o que importava era o acolhimento. Entre as primeiras a se estabelecer, estavam a Assembleia de Deus da rua Miguel Couto, a Igreja Maranata e a Igreja da Restauração. Com o tempo, surgiram outras denominações, mas todas, de alguma forma, contribuíram para a vida comunitária. Apesar da diversidade de crenças, o respeito mútuo sempre esteve presente: muitos evangélicos reconheciam a importância do trabalho social realizado pela Paróquia Sant’Ana e participavam de iniciativas em benefício do bairro.



Então, se você não frequenta a Igreja de Sant’Ana, pode escrever aqui abaixo, como é a sua igreja, onde ela se localiza no bairro e se há festas. Ficaremos muito felizes em conhecer cada igreja que existe no nosso bairro.

Conte aqui sobre a sua igreja e quais os momentos festivos que vocês celebram:

Os pequenos comércios também eram centros informais de convivência. mercearias como a do senhor “Físico” e o ponto do senhor Paulo não vendiam apenas arroz, feijão ou pão: eram lugares onde se trocavam recados, se pediam favores, se combinavam mutirões e até se prestavam primeiros socorros com remédios simples. Nessas portas e balcões, criavam-se laços, compartilhavam-se dificuldades e, muitas vezes, encontravam-se soluções para problemas coletivos (Batista, 2008; Campos e Magalhães, 2009).

Há ainda a memória dos encontros espontâneos. As calçadas, os quintais e até as passarelas improvisadas de madeira sobre córregos se tornavam espaços de socialização. Nos dias de chuva, quando as águas impediam a passagem, vizinhos se reuniam para ajudar uns aos outros a atravessar, segurando crianças pela mão ou carregando sacolas e bicicletas. Esses gestos de cuidado, repetidos ao longo dos anos, ajudaram a consolidar a sensação de que o bairro era, de fato, uma grande família.



Hoje, olhando para essa história, percebe-se que os pontos de encontro do Altinópolis não se limitam aos lugares planejados, mas se estendem a qualquer espaço capaz de reunir pessoas para trocar histórias, compartilhar trabalho e cultivar solidariedade. É essa rede invisível, feita de fé, amizade e esforço conjunto, que mantém viva a identidade do bairro e que continua inspirando novas gerações a cuidar e valorizar o lugar onde vivem.



Outros espaços também contam histórias. A Comunidade Santa Clara ainda realiza suas celebrações, mas hoje suas festas não têm a mesma força no Altinópolis, já que ficam mais ligadas ao Bairro Planalto, por estarem na divisa. Já a Praça Elton Moreno, com suas quadras e área de lazer, continua sendo ponto de encontro e recebe manutenção regular. Diferente dela, o Cemitério da Paz enfrenta problemas: o mato cresce, a limpeza é feita de forma irregular, e muitos moradores só passam por lá no Dia de Finados. Mesmo assim, continua sendo um lugar de memória e visita para algumas famílias.

O Córrego Figueirinha, que marcou a paisagem natural de outros tempos, ainda é lembrado pelos moradores, mas hoje sofre com a poluição, especialmente por ficar muito perto de um frigorífico. Apesar disso, segue sendo uma referência na geografia e na memória do bairro.

Conte para nós aqui abaixo se você conhece outros espaços que são referências na memória do bairro. Você pode perguntar para os seus pais ou vizinhos mais antigos.



Conte para nós, aqui abaixo, se você conhece outros espaços que são referências na memória do bairro. Você pode perguntar para os seus pais ou vizinhos mais antigos.



Posto Ipiranga -
sio Água Mineral

Cooperativa
Santa Vale do ...

Adriano Vidros GV

Brechô da Vovó

ALTINÓPOLIS

R. seis

Av. Glândir Pacheco Guimarães

R. Oito

R. 1

R. da Gruta

R. Conceição

R. do Recreio

R. do Figurístico

R. do Planalto

R. Alto da Boa Vista

R. Onze

R. Dez

R. Doze

Av. da Verente

R. da Divisa

R. Miguel Couto

R. Manoel de Abreu

Av. Eng. Alvaro Siqueira

R. das Acácias

R. Vital Brasil

R. da Energia

Av. do Canal

Av. Grã Duquesa

R. Henrique Lage

R. dos Flamboyant

R. dos Ipês

R. Lindolfo Color

R. do Seminário

R. da Varzea

Av. Ver. Remy Pereira

Coelho Diniz -
Altinópolis

R. da Energia

Av. do Canal

R. 7 de Setembro

R. Vale

Av. Ver...

Av. Ferrovia

Av. do Canal

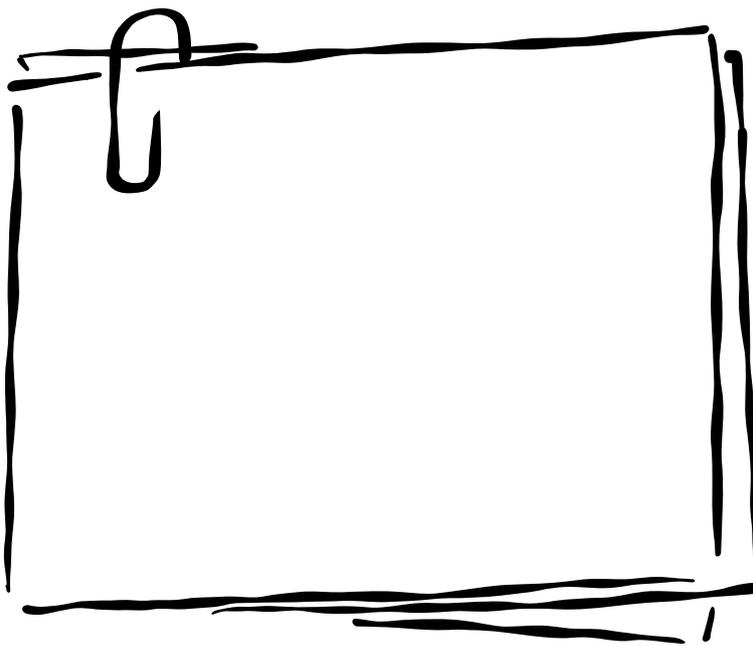
Av. Santos 010

CAPÍTULO 4 – ARTE EM CADA ESQUINA

No Altinópolis a arte não vive só nos museus. Ela mora nas calçadas, nos quintais, nas portas de casas, nos festejos da escola e no trabalho de mãos que sabem transformar pedra, madeira e restos em beleza. Este capítulo quer abrir os olhos das crianças para esse lugar e mostrar que a arte por aqui é prática de vida, é ofício, é memória e, sobretudo, é poder de transformar o bairro e quem nele mora.

Uma das histórias que ajuda a entender essa presença da arte é a do artesão e escultor que mora no bairro e deixa suas obras à mostra na porta de casa. Idalino Santiago Pêgo é um pintor e escultor que vive em Governador Valadares desde a década de 1960. Trabalha com madeira e pedra e gosta de preservar nas peças a forma que a própria matéria traz. Em poucas palavras: quando encontra um tronco retorcido, ele vê não apenas madeira, mas a possibilidade de um banco, de uma poltrona, de um pássaro talhado onde antes havia apenas um pedaço de árvore. Suas esculturas, algumas exibidas na rua, outras em seu ateliê, chamam a atenção de quem passa e convidam o morador a parar, olhar e perguntar: “Quem fez isso?”

Você conhece alguma obra produzida pelo Idalino Santiago Pêgo? Se você ainda não conhece, faça uma visita ao Ateliê e desenhe abaixo a obra que mais chamou sua atenção!



Idalino não trabalha com máquinas sofisticadas; usa ferramentas simples e muita paciência. Faz bancos onde o formato do tronco guia o desenho; faz araras e figuras que parecem crescer a partir da madeira, não impingidas por ela. Também trabalha a pedra, com arcos e moldes que recolhem formas da natureza e as transformam em figuras surpreendentes. No bairro, suas peças têm dupla função: embelezam o espaço e são aulas silenciosas sobre respeito à matéria-prima, sobre como a arte pode nascer de um tronco que já existia e precisava de outra vida (Garcia, 2008).

O trabalho de artistas como Idalino tem um efeito que vai além do visual. A escultura exposta na rua convida o passante à conversa, transforma um caminho cotidiano em itinerário de descoberta e dá ao lugar uma assinatura própria. Quem mora perto passa a dizer “a praça da arara” ou “a casa do escultor”, e o nome vira ponto de referência. Assim, a arte configura identidade: um bairro com arte reconhecível tende a ser um bairro reconhecido, um lugar que as pessoas lembram com afeto (Campos e Magalhães, 2009; Garcia, 2008).

Além de embelezar, a arte movimenta a economia local e oferece saberes. O artista que transforma madeira em banco muitas vezes também ensina: recebe crianças curiosas, mostra o uso das ferramentas, ensina a respeitar o tempo do trabalho manual. Segundo relatos da comunidade, ele já ofereceu oficinas e cursos, e suas peças já viajaram para exposições, mesmo quando o reconhecimento pleno na cidade foi lento, a trajetória mostra como a arte local pode conquistar outros lugares.





A escola Dona Adelaide, nas festas juninas e nas feiras, revela artistas mirins: crianças que aprendem a cantar, a dançar, a recitar, a pintar painéis e a preparar pequenas exposições. Nas fotos e no acervo comunitário que circula entre famílias, vemos outras manifestações: desfiles, passeatas de conscientização, trabalhos coletivos que juntaram alunos, educadores e vizinhos. Essas atividades mostram que o fazer artístico aqui está ligado à celebração, à aprendizagem e ao engajamento social, é prática educativa e também espaço de encontro.

Pensar a arte como transformação é entender que fazer arte muda quem faz e muda o lugar. Uma parede pintada por crianças e educadores torna-se escola de orgulho; uma escultura num canteiro vira ponto de encontro; uma apresentação de dança na praça aproxima vizinhos e gera pertencimento. A arte ocupa o espaço público, altera a rotina, cria narrativas novas e é instrumento de visibilidade. Quando um bairro se percebe artístico, quando valoriza seus criadores, ganha outra autoestima comunitária: desafios como praças mal cuidadas ou fachadas sem cor passam a ser conversas sobre intervenções possíveis, mutirões criativos e ações coletivas.



Para que esse capítulo chegue às salas de aula como convite à prática, é importante também reconhecer que a arte local é plural e acessível: não demanda materiais caros nem técnicas complexas. Pode brotar de sucata, de retalhos, de tinta velha, de pedras encontradas no quintal. Essa disponibilidade democratiza o fazer e mostra às crianças que todas elas podem ser artistas do seu bairro. E é justamente esse gesto, o da autoria coletiva, que ajuda a preservar memórias e a construir futuros: crianças que participam de um mural não apenas decoram parede, elas escrevem sua presença naquele território.



A escola e o(a) educador(a) podem transformar o aprendizado em ações concretas. Algumas ideias que nascem do diálogo com a comunidade: visitar o ateliê do escultor para observar o processo; organizar uma exposição com trabalhos de alunos e artistas locais; produzir um mapa afetivo que localiza esculturas, murais e ateliês no bairro; realizar oficinas de objetos utilitários em madeira, argila ou materiais recicláveis; recolher depoimentos dos artistas para registrar a história oral da produção cultural local. Cada atividade é oportunidade para reconhecer a arte como patrimônio vivo, algo que se aprende, se compartilha e se protege.

É preciso lembrar que valorizar a produção cultural do Altinópolis é também um ato de justiça simbólica

Isso mesmo! É dar voz a quem cria e, muitas vezes, luta por reconhecimento.



Ao colocar o trabalho local no centro do currículo escolar, a escola não apenas ensina técnicas e histórias; ela forma olhares que respeitam o trabalho manual, que entendem a arte como caminho para a autonomia e que reforçam a ideia de que todo cidadão tem algo a oferecer ao seu bairro.

Neste capítulo, as crianças são convidadas a ver, tocar, perguntar e fazer. A estrada entre a contemplação e a criação é curta quando se tem a mão estendida de um artista vizinho, a sala de aula transformada em ateliê e uma praça pronta para receber cores. Arte em cada esquina quer dizer exatamente isso: no Altinópolis, qualquer caminho pode virar uma lição, um afeto, uma festa; basta alguém olhar com atenção e transformar o que há em volta em obra de cuidado.

A arte e a criatividade continuam vivas no Altinópolis



O Altinópolis segue sendo um lugar onde a arte tem espaço. Mesmo sem coletivos culturais organizados, a presença de artistas e artesãos mostra que o bairro respira criatividade. O escultor e artista plástico Idalino Santiago Pego continua com seu ateliê na Avenida Canal, criando obras que carregam a identidade da comunidade.

Pelas ruas do bairro, a Almeida Arte na Linha, localizada na Rua Manoel de Abreu, mantém viva a tradição do vestuário artesanal. Já a Zene Artes, na Rua dos Ipês, colore a paisagem com pinturas artísticas em casas e prédios. Quem gosta de trabalhos em madeira encontra na MDF Artes, na Avenida Vereador Hamilton Teodoro Guimarães, peças produzidas com muito cuidado. E na Rua das Acácias, a Tati Art's Doces mostra que a criatividade também pode ser saborosa, com doces que viraram marca registrada na vizinhança.

Além do artesanato e das artes plásticas, novas manifestações culturais também ganham força. A Banda Iris, formada por moradores do bairro, mantém a música como tradição viva, com apresentações que animam a comunidade. Outro espaço importante é o Forrozeiro Amplificado, dedicado à valorização da música nordestina, em especial o forró, reunindo artistas e apreciadores em encontros que resgatam e fortalecem a cultura popular.

Apesar da riqueza de talentos locais, ainda não existem iniciativas da escola ou de associações comunitárias voltadas ao incentivo direto da arte. Mas os exemplos de artistas, artesãos e músicos mostram que a criatividade continua encontrando caminho no Altinópolis, transformando ruas, casas e encontros em expressões de cultura viva.

O que vocês acham de fazermos uma feira de artes na escola, convidando todos esses artesãos e artistas para exporem seus trabalhos para a comunidade?

Já imaginou poder ver todas essas manifestações artísticas e, quem sabe, aprender com eles?

Seria uma grande alegria para todos nós!





Ou, que tal a gente fazer um mapa da arte do Altinópolis? Cada turma poderia visitar uma rua do bairro, conversar com os artistas e artesãos e depois marcar no mapa onde eles ficam. A gente podia anotar o que cada um faz (se é pintura, escultura, costura ou música) e colocar fotos ou desenhos. No final, esse mapa viraria uma exposição na escola ou na praça, mostrando que o nosso bairro é cheio de criatividade!



Ficha

ARTE NO ALTINÓPOLIS

Nome do Artista

Rua visitada

Tipo de trabalho

Materiais utilizados

Descrição da arte

Como é feita?

Foto ou desenho





Posto Ipiranga -
sio Água Mineral

Cooperativa
Santa Vale do ...

Av. Glândir Pacheco Guimarães

R. da Gruta

R. do Recreio

R. do Figurístico

R. do Planalto

Adriano Vidros GV

Av. da Verente

R. Conceição

R. Alto da Boa Vista

R. Onze

R. Dez

R. Doze

R. Geraldo

R. da Divisa

R. Miguel Couto

R. Manoel de Abreu

Av. Eng. Alvaro Siqueira

R. das Acácias

ALTINÓPOLIS

R. dos Ipês

R. dos Flamboyant

R. da Varzea

Brechô da Vovô

Av. Ver. Remy Pereira

R. Lindolfo Color

R. da Energia

R. da Energia

Av. do Canal

Av. Grã Duquesa

R. Henrique Lage

Coelho Diniz -
Altinópolis

Av. do Canal

R. 7 de Setembro

R. Vale

Av. Ferrovia

Av. do Canal

Av. Santos

Av. Vale

CAPÍTULO 5 – A VOZ DO POVO

Quando a gente quer conhecer direito um lugar, não basta olhar o mapa ou contar quantas casas existem. É preciso ouvir. Ouvir quem mora, quem trabalha, quem brinca nas ruas, quem cuida das praças; é isso que faz o bairro falar de verdade.



Por isso, a voz das pessoas é um tesouro: são relatos simples, cheios de cheiro de comida, nomes de parentes, lembranças de infância e recomendações para o futuro. Este capítulo é dedicado a escutar esses sons do Altinópolis e a dar às crianças o papel de quem pergunta, registra e compartilha; papel de protagonistas da própria memória.

Escutar os vizinhos ajuda a entender como o bairro foi construído com mãos e histórias, não só com cimento. Cada família carrega um pedaço dessa história: quem abriu a primeira mercearia, quem puxou a reforma da igreja, quem plantou a árvore que hoje dá sombra na praça. Quando crianças aprendem a ouvir com atenção, elas aprendem também a respeitar as diferentes experiências e a reconhecer que todo morador tem algo a ensinar. Escutar é, portanto, uma forma de justiça: é valorizar a voz de quem faz o lugar existir.



No arquivo de pesquisa que serviu de base para este livro há depoimentos que nos ajudam a entender melhor o Altinópolis. A seguir, apresentamos alguns trechos adaptados, com palavras simples e próximas das vozes originais, para que os alunos possam sentir como essas falas são próximas da vida cotidiana.

Alguns moradores lembram como era o bairro no começo: “Quando eu me mudei para cá, havia poucas casas e a rua não era calçada. A gente vinha porque queria ter a casa própria. Hoje há posto médico e polícia, mudou muito e ficou melhor para todo mundo.”

O que os antigos moradores contaram sobre a infância, a água e as ruas do bairro?

Muitos depoimentos descrevem uma infância marcada por chão de terra, cisternas e travessias improvisadas.

Ouvi também histórias sobre os mutirões, atendimentos improvisados e solidariedade



Como conta uma das moradoras: “cada morador que podia furava cisterna”, frase que resume a adaptação coletiva à falta de abastecimento regular (Campos e Magalhães, 2009). A chegada do SAAE mudou a rotina dos moradores (a água passou a chegar, ainda que quinzenalmente), mas as histórias de enxurradas que levavam chinelos, de pranchas sobre córregos e de famílias ilhadas durante chuvas permanecem vivas e educativas: mostram como a infraestrutura e o ambiente moldam a vida das pessoas. Essas memórias ajudam as crianças a entenderem por que uma praça bem drenada ou uma caixa d’água eficiente são obras de cidadania.

Sem posto de saúde próximo, moradores relatam que “a gente mesmo aplicava injeção” e que vizinhos carregavam doentes e recém-nascidos até onde havia transporte. Esses relatos ilustram o papel da autoajuda comunitária: mutirões para construir casas, para quebrar e carregar blocos de concreto (doados pela Companhia Vale) e para erguer a escola e a igreja. Essas ações práticas transformaram terreno baldio em espaços de convivência e ensinaram às crianças que trabalho coletivo gera bens comuns.



Várias entrevistas destacam a atuação do padre Leonardo Senne, sua liderança e o cuidado com a comunidade.

Contaram também sobre a intensa vida religiosa fornecendo tanto como conforto espiritual quanto como rede de mobilização social



Mercearias e pequenos pontos comerciais, citados por entrevistados como o ponto do senhor "Físico" e o estabelecimento do senhor Paulo; eram mais do que venda: eram centros de sociabilidade, trocas de notícia e combinação de ajudas. Para as crianças, esses lugares são uma oportunidade de aprender economia local, respeito ao trabalho e memória oral: perguntar ao comerciante mais antigo, registrar sua história e mapear a evolução do comércio são atividades simples e ricas.



Ouvir as histórias de quem viveu a formação do Altinópolis é como abrir um álbum de fotografias antigas: cada memória traz cores, sons e cheiros que mostram o quanto a vida no bairro já foi diferente.





A senhora HLA, moradora desde 1974, recorda que na época “era tudo mato” e as poucas casas ficavam distantes umas das outras. Não havia ruas calçadas, esgoto ou coleta de lixo. A água vinha de cisternas que cada família construía como podia, ou era carregada em latas desde a mina, no fundo de um buracão. Quando o abastecimento do SAAE chegou, a água corria apenas de 15 em 15 dias, obrigando os moradores a se organizarem para estocar o suficiente até a próxima leva. Nos dias de chuva forte, as ruas viravam lamaçais escorregadios, e muitas famílias ficavam literalmente presas dentro de casa, sem conseguir atravessar para o outro lado. Passagens improvisadas com tábuas sobre córregos eram comuns, mas só suportavam uma pessoa de cada vez – e qualquer aumento na correnteza tornava o trajeto perigoso.

Para os moradores mais antigos, essas memórias reforçam o orgulho de pertencer ao Altinópolis. JPF, comerciante que cresceu no bairro, resume: “Eu amo o Altinópolis. É simples, mas é a minha vida inteira. Cresci aqui e não tenho vontade de sair”. Em cada lembrança, fica claro que a história do bairro não é apenas sobre ruas, prédios ou obras, mas sobre pessoas que se ajudaram, compartilharam o pouco que tinham e transformaram um terreno isolado em uma verdadeira comunidade.

Mas, as redes de solidariedade continuam firmes. Igrejas, associações locais, escolas e grupos de vizinhos se unem em campanhas de roupas, arrecadação de alimentos, mutirões de limpeza e no apoio a famílias em momentos difíceis. São ações simples, mas que mantêm viva a ideia de comunidade e cuidado coletivo. A memória do Padre Leonardo ainda inspira, principalmente na creche, onde imagens e histórias lembram sua dedicação e mantêm presente sua importância para o bairro. O comércio de porta também segue ativo, com os carrinhos que passam de casa em casa e que, mais do que vender, criam laços de conversa e convivência (VMML, 2025).

Além das lembranças, as entrevistas trazem também algumas queixas e demandas atuais: falta de áreas de lazer, iluminação insuficiente em pontos estratégicos, ausência de nomes claros nas ruas (dificultando endereços) e necessidade de serviços de saúde e educação mais robustos. Mesmo assim, o sentimento que prevalece é de orgulho e pertencimento, já que muitos moradores veem no Altinópolis não apenas um lugar para viver, mas uma parte importante de sua própria história (VMML, 2025).

Para mantermos viva essa memória da ajuda comunitária, o que vocês acham de montarmos uma “Linha do Tempo Comunitária”, construindo de forma coletiva uma linha do tempo com lembranças antigas (água, escola, padre) e os desafios atuais (saúde, lazer, segurança), para comparar passado e presente?



Ficha

LINHA DO TEMPO COMUNITÁRIA

Nome do grupo

Rua pesquisada

Data da atividade

Tema

Lembranças antigas

Tema

Desafios atuais

O que mudou e o que continha igual?



CAPÍTULO 6 – NOSSO BAIRRO, NOSSO FUTURO



Quando a gente pensa no futuro do Altinópolis, quase sempre imagina ruas mais limpas, praças floridas, crianças brincando sem medo, e vizinhos cuidando uns dos outros.

Esse futuro começa hoje, com pequenas escolhas e com a vontade de cada morador, sobretudo com a imaginação das crianças.



Neste capítulo vamos conversar sobre por que as praças e as áreas verdes são tão importantes, quais problemas o bairro enfrenta agora e, acima de tudo, como nós (crianças, famílias, escolas e vizinhos) podemos cuidar do Altinópolis para que ele fique mais bonito, saudável e justo para todo mundo.

A praça não é só um espaço vazio entre casas. É lugar de encontro, de respirar ar fresco, de correr descalço, de ver formigas trabalhando, de escutar cantos de pássaros e de sentar com um livro no colo. As áreas verdes ajudam a refrescar o ar nos dias quentes, a escoar a água da chuva para evitar alagamentos, a abrigar pequenos animais e insetos que ajudam a manter a natureza viva. Para uma criança, uma praça bem cuidada é também um espaço de aprendizado; ali se aprende a brincar junto, a partilhar o balanço, a combinar jogos e a respeitar o espaço do outro.



Observe as imagens das praças do bairro Altinópolis, logo abaixo.



Praça das Napéias



Praça Elton Moreno



Praça Frei Veloso



Agora, escolha a praça que você mais gosta, aquela onde você costuma brincar, passear ou encontrar os amigos. Conte para nós uma história especial que aconteceu com você nesse lugar! Pode ser uma brincadeira divertida, um encontro com alguém querido, uma festa, ou algo que você sempre lembra quando pensa nessa praça.

Quando pensamos em “nosso bairro, nosso futuro”, pensar nas praças é pensar em saúde (menos calor, menos poeira), em convivência (lugares para as famílias se encontrarem) e em memória (lugares onde fazemos festas, celebrações e lembranças).

Por isso, cuidar das áreas verdes é investir no bem-estar de todas as pessoas que moram no Altinópolis.



Ouvir quem viveu e construiu o Altinópolis ajuda a entender por que cuidar das praças não é só estética: é cuidar da vida. As vozes dos moradores contam como se aprendeu, na marra, a transformar terra e dificuldades em lugares de encontro; e essas lições dizem muito sobre o futuro que podemos construir juntos.



Quando o bairro ainda não tinha água encanada, quem podia furava cisterna; quem não podia, ia até a mina para buscar água. As famílias guardavam água em latas e galões, e, quando o SAAE trouxe abastecimento, ele só chegava a cada quinze dias, por isso os moradores tiveram de aprender a planejar e a dividir recursos. Essa memória mostra que cuidar do verde da praça passa também por aprender a conservar a água e a usar doações e materiais com criatividade.

As chuvas fortes e os caminhos de terra ensinaram uma lição parecida: quando as ruas viravam lama e as travessias sobre córregos eram perigosas, o que salvava as pessoas eram as redes de vizinhança. Forças simples como vizinhos puxando uma criança que foi arrastada pela enxurrada ou oito mulheres juntas carregando uma mulher em trabalho de parto, mostram que segurança no bairro depende tanto de boas obras (bueiros, calçadas, iluminação) quanto de união e vigilância comunitária. Essas histórias lembram que uma praça bem iluminada, com acessos drenados, salva mais do que plantas: salva pessoas.

As histórias que conhecemos ao longo deste livro mostram duas coisas claras: primeiro, que as grandes transformações do Altinópolis nasceram de ações pequenas e repetidas; segundo, que a memória do bairro é um tesouro; não apenas lembrança. Quando as crianças, as escolas, as igrejas e os comerciantes se juntam, conseguem quebrar pedras, carregar material, plantar árvores e até levar comida para a merenda. Se usarmos essas lembranças como guia, cada praça cuidada e recuperada será também um exercício de cidadania e uma aula viva sobre como se constrói uma cidade mais humana.

Como disse um morador que cresceu aqui: “eu amo o Altinópolis”, esse amor é a motivação para agir. Vamos transformar esse sentimento em passos concretos: mapear, combinar, juntar as mãos e cuidar. O futuro do bairro começa quando uma criança planta uma muda e outra passa a cuidar dela.



Infelizmente, o bairro também tem desafios que atrapalham esses sonhos.

O acúmulo de lixo em vias e terrenos vagos: atrai moscas, ratos e insetos; polui o solo e a água; transforma a paisagem.

A ocupação desordenada: construções feitas sem planejamento podem sobrecarregar sistemas de água e esgoto, e reduzir áreas que poderiam ficar verdes.

Falta de manutenção das praças: brinquedos quebrados, bancos danificados e gramados sem corte desmotivam o uso.

Falta de espaço para compostagem e reciclagem: restos de alimentos que poderiam virar adubo acabam virando lixo.

Cada um desses problemas tem uma consequência concreta na vida das pessoas: piora da saúde, menos lugares para brincar, e menos orgulho pelo lugar onde moramos. Mas todo problema também traz uma pista: se sabemos onde dói, sabemos onde podemos agir.

As praças continuam sendo o principal espaço de lazer e convivência do Altinópolis. Entre elas estão a Praça das Napéias, Praça Elton Moreno, Praça Frei Veloso e Praça Alto da Boa Vista. Elas recebem manutenção da prefeitura em alguns períodos do ano, mas muitas vezes é a própria comunidade que se junta para limpar, pintar e cuidar desses lugares. Não surgiram novos espaços de lazer recentemente, mas os moradores sabem que as praças guardam um valor especial: são pontos de encontro, de descanso e de brincadeira para as crianças (VMML, 2025).

Apesar disso, alguns problemas urbanos ainda atrapalham a vida no bairro. As ruas mal iluminadas, a falta de infraestrutura adequada e os problemas no abastecimento de água continuam sendo motivos de preocupação. Houve até um episódio em que a comunidade passou quase 30 dias sem água regular, e os moradores se organizaram para cobrar uma solução da empresa responsável. Essas situações mostram como a união faz diferença quando é preciso lutar por melhorias (VMML, 2025).

Olhando para o futuro, os moradores sonham com um prédio escolar maior e mais bem estruturado, além de melhorias nas ruas e na rede de água. A escola, junto com os jovens, pode ter um papel importante nessas mudanças: quando participam de projetos sociais, ambientais ou culturais, eles ajudam a transformar o bairro e inspiram outros a fazer o mesmo (VMML, 2025).

A escola já tem experiências nesse sentido, como as parcerias com o Senac, que trazem atividades voltadas para a valorização da arte e da cultura local. Além disso, a participação em festas como a Festa Junina, Festa da Família, Festa Cultural e Festa de Encerramento mantém vivas tradições que fortalecem os laços entre moradores, alunos e professores.



Para conhecermos bem o nosso bairro e os problemas existentes, que tal elaborarmos um “Mapa dos Problemas do Bairro”? Podemos percorrer as ruas e registrar os principais problemas (iluminação, água, infraestrutura), depois apresentaremos em cartaz para discutir soluções coletivas. Isso pode ser feito na escola com moradores convidados para nos ajudar a melhorar o nosso bairro!



Ficha



PROBLEMAS DO BAIRRO

Nome do grupo

Rua pesquisada

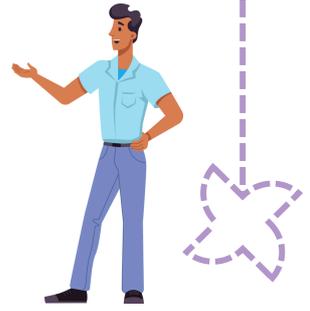
Data da atividade

Problemas encontrados

Como poderíamos resolver?

O que podemos fazer juntos para melhorar o nosso bairro?

Uma outra coisa que podemos fazer é construirmos uma “Caixa dos Sonhos para o Futuro”. Nesta caixa, cada aluno e morador escreve seu sonho para o Altinópolis (ex.: mais áreas verdes, escola maior, ruas iluminadas). As mensagens podem ser guardadas em uma caixa simbólica ou expostas na escola. A partir dos nossos sonhos, vamos buscar as melhorias para uma vida melhor aqui no Altinópolis!



o nosso livro termina aqui, mas a história do bairro Altinópolis não. Ela continua sendo escrita todos os dias, em cada gesto de solidariedade, em cada nova construção, em cada lembrança que é partilhada e guardada pela comunidade. As páginas deste livro são apenas um retrato de momentos que ajudam a entender quem somos e de onde viemos, mas o futuro depende de todos nós. Cuidar das praças, preservar as memórias, valorizar os mais velhos e ensinar às crianças o amor por este lugar são formas de continuar escrevendo essa história viva. Que cada morador se reconheça como guardião da memória coletiva e siga, com orgulho e responsabilidade, ajudando a manter viva a história do nosso bairro Altinópolis.



Posto Ipiranga -
sio Água Mineral

Cooperativa
Santa Vale do ...

R. da Gruta

R. do Recreio

R. do Figurístico

R. do Planalto

Adriano Vidros GV

Av. da Verente

Av. Glândir Pacheco Guimarães

R. Alto da Boa Vista

R. Conceição

R. Onze

R. Doze

R. Geraldo

R. da Divisa

R. Miguel Couto

R. Manoel de Abreu

Av. Eng. Alvaro Siqueira

R. das Acácias

ALTINÓPOLIS

R. dos Ipês

R. dos Flamboyant

R. da Varzea

Brechô da Vovó

R. Vital Brasil

R. Henrique Lage

R. Lindolfo Color

R. da Energia

Av. Ferrovia

Av. do Canal

R. da Energia

Av. do Canal

Av. Grã Duquesa

Coelho Diniz -
Altinópolis

Av. do Canal

R. 7 de Setembro

R. Vale

Av. Santos

FONTES

BATISTA, Amanda. **História de todos nós:** o bairro Altinópolis. Universidade Vale do Rio Doce. Governador Valadares, 2008.

CAMPOS, Carmem Lúcia Lima de; MAGALHÃES, Karla Rocha. **Bairro Altinópolis:** reflexões sobre sua origem e seu povo. Universidade Vale do Rio Doce. Governador Valadares, 2009.

GARCIA, Silair. **Onde mora a nossa história:** Uma pesquisa sobre o bairro Altinópolis. [Ensaio]. Universidade Vale do Rio Doce. Governador Valadares, 2008.

Entrevistas (foram indicadas apenas as iniciais dos nomes dos entrevistados para não expor suas identidades)

CR - entrevista concedida à Carmem Lúcia Lima de Campos e Karla Rocha Magalhães em 2009.

DSC - entrevista concedida à Ludimila Cândido dos Reis em 2025.

HLA - entrevista concedida à Carmem Lúcia Lima de Campos e Karla Rocha Magalhães em 2009.

IJL - entrevista concedida à Amanda Batista em 2008.

JPF - entrevista concedida à Carmem Lúcia Lima de Campos e Karla Rocha Magalhães em 2009.

LFC - entrevista concedida à Amanda Batista em 2008.

LML - entrevista concedida à Gabriela Vitoria Barboza Gonçalves em 2025.

LML - entrevista concedida à Laura Menezes Lopes em 2025.

MBA - entrevista concedida à Amanda Batista em 2008.

MC - entrevista concedida à Carmem Lúcia Lima de Campos e Karla Rocha Magalhães em 2009.

MCS - entrevista concedida à Carmem Lúcia Lima de Campos e Karla Rocha Magalhães em 2009.

MLT - entrevista concedida à Carmem Lúcia Lima de Campos e Karla Rocha Magalhães em 2009.

NAP - entrevista concedida à Carmem Lúcia Lima de Campos e Karla Rocha Magalhães em 2009.

RCBS - entrevista concedida à Amanda Batista em 2008.

RLC - entrevista concedida à Amanda Batista em 2008.

VMML - entrevista concedida à Gabriela Vitoria Barboza Gonçalves em 2025.

VMML - entrevista concedida à Laura Menezes Lopes em 2025.

Fichas do Inventário de Proteção do Acervo Cultural (IPAC-MG/IEPHA)

ANDRADE, Amanda Franskoviak. Ficha de Inventário de Proteção do Acervo Cultural - **Igreja Evangélica Assembleia de Deus - Capistrano de Abreu**. Governador Valadares, 2025.

SILVA, Ana Clara Rodrigues dos Reis. Ficha de Inventário de Proteção do Acervo Cultural - **Escola Estadual Dona Adelaide Malzone Hugo**. Governador Valadares, 2025.

LIMA, Ana Flávia Páscoa. Ficha de Inventário de Proteção do Acervo Cultural - **Centro Municipal de Educação Infantil Padre Leonardo Senne**. Governador Valadares, 2025.

BONFIM, Ashley Hanna dos Santos. Ficha de Inventário de Proteção do Acervo Cultural - **Comunidade Santa Clara (Altinópolis)**. Governador Valadares, 2025.

GONÇALVES, Gabriela Vitoria Barboza. Ficha de Inventário de Proteção do Acervo Cultural - **Praça Elton Moreno**. Governador Valadares, 2025.

LOPES, Laura Menezes. Ficha de Inventário de Proteção do Acervo Cultural - **Paróquia Sant'Ana**. Governador Valadares, 2025.

REIS, Ludimila Cândido dos Reis. Ficha de Inventário de Proteção do Acervo Cultural - **Festa da Padroeira da Paróquia Sant'Ana**. Governador Valadares, 2025.

BRUN, Nathália Christina Simão. Ficha de Inventário de Proteção do Acervo Cultural - **Festa de Santa Clara**. Governador Valadares, 2025.

ROCHA, Vivian Cristina Lopes. Ficha de Inventário de Proteção do Acervo Cultural - **Igreja Presbiteriana de Altinópolis**. Governador Valadares, 2025.



Posto Ipiranga -
sio Água Mineral

Cooperativa
Santa Vale do ...

Av. Glândir Pacheco Guimarães

R. da Gruta

R. do Recreio

R. do Figurístico

R. do Planalto

Adriano Vidros GV

Av. da Verente

R. Conceição

R. Alto da Boa Vista

R. Onze

R. Dez

R. Doze

R. Geraldo

R. da Divisa

R. Miguel Couto

R. Manoel de Abreu

Av. Eng. Alvaro Siqueira

R. das Acácias

ALTINÓPOLIS

R. dos Ipês

R. dos Flamboyant

R. da Varzea

Brechô da Vovó

Av. Ver. Remy Pereira

R. Lindolfo Color

R. Henrique Lage

R. da Energia

Av. do Canal

Av. Grã Duquesa

Coelho Diniz -
Altinópolis

R. da Energia

Av. do Canal

R. 7 de Setembro

R. Vale

Av. Ferrovia

Av. do Canal

Av. Santos

Av. Vale

SOBRE A AUTORA



Patrícia Falco Genovez

Professora da UNIVALE com doutorado em História e coordenadora de projetos de pesquisa sobre a cultura local e regional.

REALIZAÇÃO

GIT
Programa de Pós-Graduação
Gestão Integrada do Território



FINANCIAMENTO

univale

